

palavra

ano 9 | número 8 | 2018

Sesc Literatura em revista

sesc



EM ALTO E BOM SOM
A FORÇA DA
LITERATURA ORAL
NO BRASIL HOJE

E OUTRAS VOZES: CUTI,
BRUNA BEBER, DANIEL GALERA,
CIDA PEDROSA, NICOLAS BEHR,
MARIANA IANELLI



O Brasil é composto por muitos brasis, numa grande costura de tecidos que precisam ser contados e cantados. Como bem afirmou o escritor Mário Rodrigues, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2016, “o trabalho da instituição nos permite enxergar e conhecer esse Brasil profundo”. Por conta da extensão e complexidade do país, os projetos de Literatura desenvolvidos pelo Sesc vêm estimulando cada vez mais, em sua programação, o diálogo e a troca de experiências em torno dessa diversidade.

Um exemplo é o Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras, maior circuito literário nacional, responsável pela circulação de mais de 70 artistas, em mais de 700 apresentações, debates e oficinas por ano em todo o nosso território: é o Brasil lendo e escrevendo cada vez mais o Brasil. Daí que muitos colaboradores desta edição estejam circulando pelo país nesse projeto.

Nesse sentido, a revista **Palavra** se propõe a atuar como um ponto de junção entre as dicções, apresentando esse retrato da pluralidade, muitas vezes reconhecida, mas ainda pouco representada em publicações de âmbito nacional. Nossa linha editorial dedica especial atenção aos artistas que, nas suas diferentes localidades, fazem a literatura pulsar. São eles que constroem e costuram o tecido/texto que nos une.

EDITORIAL

A revista assumiu diferentes facetas nos últimos anos, tentando acompanhar tendências e buscando novos olhares sobre a produção literária do país. A partir desta edição, ela terá um caráter mais orgânico em relação às atividades literárias realizadas pelo Sesc, de modo que a publicação se torne parte de um processo maior de ação cultural. Em um país com índices de leitura ainda muito incipientes, essa estratégia pode auxiliar no entendimento do prazer literário como parte do cotidiano das pessoas.

Nessa linha, notamos como a palavra rimada e cantada vem ganhando força, especialmente entre jovens, conforme aponta a matéria “Em alto e bom som”, assinada pela jornalista Mariana Filgueiras. Estão presentes também diferentes prosadores e poetas, como Daniel Galera, Bruna Beber, Melanie Peter, Nicolas Behr, Cida Pedrosa e Joca Reiners Terron. Artigos assinados por José Castello e Flávia Péret, entre outros, acendem diferentes reflexões sobre a vida literária. Depoimentos, resenhas e quadrinhos completam essa breve amostragem do que a palavra pode expressar.

Esperamos que o leitor encontre aqui bons instantes de fruição em torno da literatura, essa forma privilegiada de encarar o mundo. Conforme o escritor Cuti afirma na entrevista: “ela me ensina que a cada momento posso me tornar uma pessoa melhor, mais tolerante e receptiva”. **Boas leituras!**

SUMÁRIO

07 Primeiras
Palavras

10 Em alto e
bom som

20 Entrevista

25 ARTIGOS
Saulo Ribeiro
Flávia Péret
José Castello
Cristiane Costa
Thiago Tizzot

45 CONTOS
Joca Reiners Terron
Sidney Rocha
Daniel Galera
Melanie Peter

63 TIRINHA E CHARGE
Thais Linhares
João Lin

69 POESIA
Nicolas Behr
Rodrigo Garcia Lopes
Cida Pedrosa
Mariana Ianelli
Bruna Beber

83 RESENHAS
Sérgio Tavares
Mateus Baldi

89 DEPOIMENTOS
Otávio Cesar Jr.
Stella Maris Rezende

PRIMEIRAS
PALAVRAS

Ao longo do tempo, o Sesc vem consolidando o seu papel de disseminador da cultura brasileira em todas as suas vertentes. E a área de Literatura tem lugar de destaque nesse universo, desde que iniciou sua trajetória há mais de 20 anos, com projetos de formação de leitores, desenvolvidos em âmbito nacional. O olhar direcionado à literatura brasileira, expressão genuína de nossa realidade, abriu espaço a inúmeras iniciativas como feiras e jornadas, circuitos de contadores de histórias, saraus de poesia, cafés literários, rodas de leitura e laboratórios de criação, promovidas em todos os estados e abertas ao público.

Entre os projetos de relevância desenvolvidos nessa área, cumpre destacar o Prêmio Sesc de Literatura, reconhecido como um dos mais importantes do gênero no Brasil, realizado em parceria com a editora Record. Com 15 anos de existência, já revelou inúmeros escritores de qualidade inequívoca. Outro projeto que se destaca por sua abrangência é o Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras, circuito literário de debates de autores, oficinas literárias e apresentações de literatura oral. Merecem ser lembrados também os projetos de Residências e as Mostras Literárias, entre outras atividades.

Nesta nova edição, a revista **Palavra** busca se integrar ao conjunto de projetos literários, reafirmando o compromisso do Sesc com a difusão da literatura brasileira, a ampliação do universo de leitores e a democratização do acesso às manifestações artísticas, para que sejam superados os obstáculos ao nosso desenvolvimento cultural e possamos todos construir um país mais justo.

Departamento Nacional do Sesc





MARIANA
FILGUEIRAS

ME

ALTO E BOM

A FORÇA DA
LITERATURA
ORAL NO
BRASIL HOJE

SOM

Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro, novembro de 2017. Alunos do sexto e do sétimo ano de uma escola pública assistem atentamente a uma oficina literária sobre diários. Leem trechos do *Diário de Anne Frank*, peça documental importantíssima para compreender os horrores do Holocausto, e folheiam surpreendidos o *Diário de Frida Kahlo*, artista mexicana que contava seus dias internada num hospital por meio de desenhos. Vibram quando encontram um *Diário de um Banana* na pilha de livros escolhidos para a atividade — o quadrinho americano é o xodó dos pré-adolescentes mundo afora.

A aluna mais curiosa pergunta o significado de algumas palavras — “O que é fardo? E apêndice? E ruibarbo?” —, o mais velho demonstra tristeza com a melancolia do *Diário do Hospício*, de Lima Barreto — “Por que os amigos não tiraram ele de lá?”. Ao final do

encontro, todos têm de fazer a tarefa principal da oficina: escrever, cada um, o início de um futuro diário.

Passam-se vinte minutos, e quem quiser pode ler em voz alta para a turma o exercício. Um faz questão de ser o primeiro.

“Eu fiz em forma de rap”, anunciou o jovem, tirando o boné da mochila para a cabeça. Um dos amigos pôs-se a batucar a base ritmada com a caneta na carteira.

Acordo de manhã
Para aprender
E venho para a escola
Devo entender
Estudar não é fácil
É isso, zoa
Mas a melhor sensação
É tirar nota boa.

Há muito tempo a literatura oral não é mais limitada a provérbios, adivinhações, frases feitas, trava-línguas, orações e cantos. O sociólogo potiguar Câmara Cascudo (1898-1986) nos lembra, em *A literatura oral no Brasil* (1952) – uma das primeiras obras a sistematizar o imenso repertório literário

oral brasileiro –, que indígenas, portugueses e africanos tinham cantos, danças, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, “uma longa e já espalhada admiração ao redor dos homens que sabem falar e entoar”. Ainda que houvesse muito mais tensão do que harmonia entre as três culturas, lá isto elas tinham em comum: homens e mulheres que sabiam entoar, defender e perpetuar histórias.

Se Câmara Cascudo estivesse naquela sala de aula de Madureira e testemunhasse a performance do aluno, sublinhada pela impostação vocal e pela segurança que o ritmo da batida lhe dava, marcando suas palavras e provocando suas rimas, teria anotado a cena para algum de seus livros dedicados à cultura popular brasileira.



Há muito tempo a literatura oral não é mais limitada a provérbios, adivinhações, frases feitas, trava-línguas, orações e cantos.

O episódio certamente o teria emocionado, por mostrar a força da oralidade em quem mal começou a escrever. Havia uma diferença brutal entre as palavras anotadas no caderno do jovem rapper e as que saíam voando da sua boca.

No mesmo *A literatura oral no Brasil*, Cascudo descreve uma cena correlata: em junho de 1944, ele passeava pelo Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, com um amigo, quando viu um sujeito maltrapilho lendo em voz alta um folheto de cordel à luz da iluminação pública.

“Tão distante e atolado na leitura que não levantou a cabeça à nossa curiosidade”, escreveu o sociólogo num caderninho que levava consigo. E o que há em comum entre o maltrapilho que acompanhava uma peleja em versos junto a um poste em 1944, um índio tupinambá a contar suas experiências na guerra contra os tupiniquins em 1500 e o jovem de boné encaixando seu dia numa rima em 2017?

Todos eles evocam uma narrativa que só persiste pela oralidade. Pela prosódia, ritmo, cadência, rima, pausa, e todas as ferramentas características da oralidade – e talvez a mais forte delas seja a teimosia. Uma história que sobrevive à palavra escrita.

Ganhadora de quatro prêmios Jabuti e uma das mais importantes escritoras brasileiras, Maria Valéria Rezende é uma das defensoras mais aguerridas da valorização da literatura oral no Brasil. Em um evento literário ocorrido em meados do ano passado, ela comentou o desprezo que um certo cânone destina à literatura oral, supervalorizando a literatura escrita:

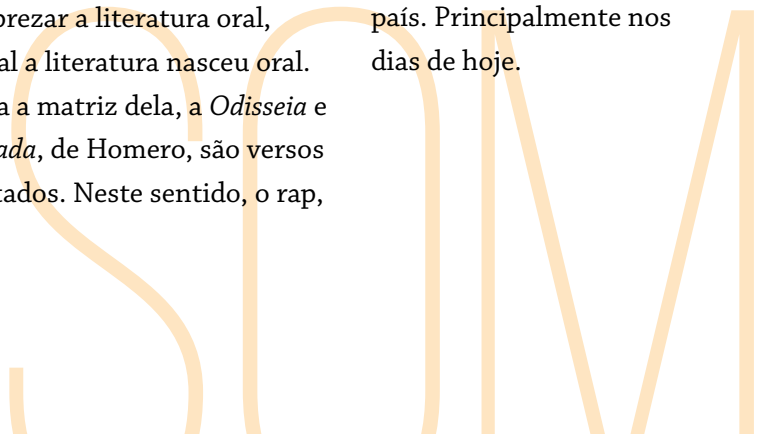
“Eu não entendo por que desprezar a literatura oral, afinal a literatura nasceu oral. Toda a matriz dela, a *Odisseia* e a *Ilíada*, de Homero, são versos cantados. Neste sentido, o rap,

o cordel e a embolada estão muito mais próximos da essência da literatura.”

Um dos fundadores dos Cadernos Negros, e autor de diversos livros, o escritor Cuti faz coro:

“Parece-me que essa retomada da oralidade no campo da literatura tem a ver com o retorno daquilo que foi recalcado pela norma culta, pela hegemonia da escrita. São as raízes da própria literatura que estão gritando por espaço, como a lembrar do fato de todo fruto ter como antecedente primeiro as raízes.”

Mas é só um certo cânone – talvez ele, sim, desprezível – que ignora a potência estética da literatura oral no país. Principalmente nos dias de hoje.



NÚMERO DE SARAUS EXPLODIU DEPOIS DAS MANIFESTAÇÕES DE 2013

Nunca houve tantos saraus de poesia espalhados nas capitais e nas suas periferias. As histórias são parecidas: geralmente são encontros que começam num espaço público comum, organizados por poucas pessoas que gostariam de expressar seus versos, com um microfone aberto e uma pequena caixa de som. E que aos poucos vão ganhando força, tamanho, identidade. Num mapeamento feito em

2015 pelo coletivo carioca Mufa Produções, foram levantados 133 saraus regulares em toda Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que abarca 21 municípios. Uma média de seis saraus periódicos por cidade – e em muitas delas certamente há mais saraus do que bibliotecas. É importante ressaltar que a maior parte desses eventos de poesia está nas periferias, de acordo com a pesquisa.

Na Região Metropolitana de São Paulo, que já cultivava a tradição desde os anos 1990, existem 130 saraus regulares, para efeito de comparação.

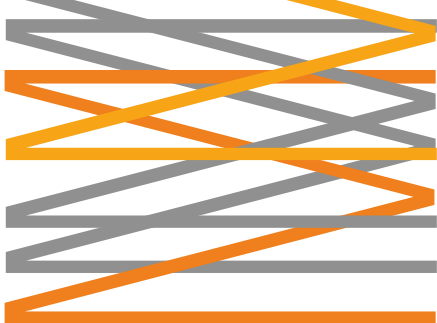
O “mapa dos saraus” traz ainda uma informação bastante relevante: depois de junho de 2013, surgiram mais de 100 saraus no Rio.

Nunca houve tantos saraus de poesia espalhados nas capitais e nas suas periferias.



Frequentador assíduo dessa cena que valoriza a expressão literária oral e um dos fundadores da Flupp (Feira Literária das Periferias), o escritor carioca Écio Salles vê uma relação clara entre a data e o fato. “O contexto de agitação política da época foi





fundamental para disparar um rastilho de pólvora que multiplicou exponencialmente a quantidade de saraus e, portanto, de poetas ativos na cidade”, comenta ele.

“ No Brasil, o fenômeno foi construído em fogo baixo, multiplicando experiências quase sempre a partir do pioneirismo do Sarau do Binho e, especialmente, do Sarau da Cooperifa. O escritor Luiz Ruffato me contou que há até um sarau num cemitério! Hoje há centenas, talvez milhares de saraus espalhados pelo país, num movimento contínuo iniciado lá no final da década de 1990. No Rio, entretanto, o processo foi mais abrupto. Até 2013 havia uma cena se construindo, com uns 20 ou 30 saraus acontecendo regularmente. Após as manifestações de junho, esse número explodiu.”

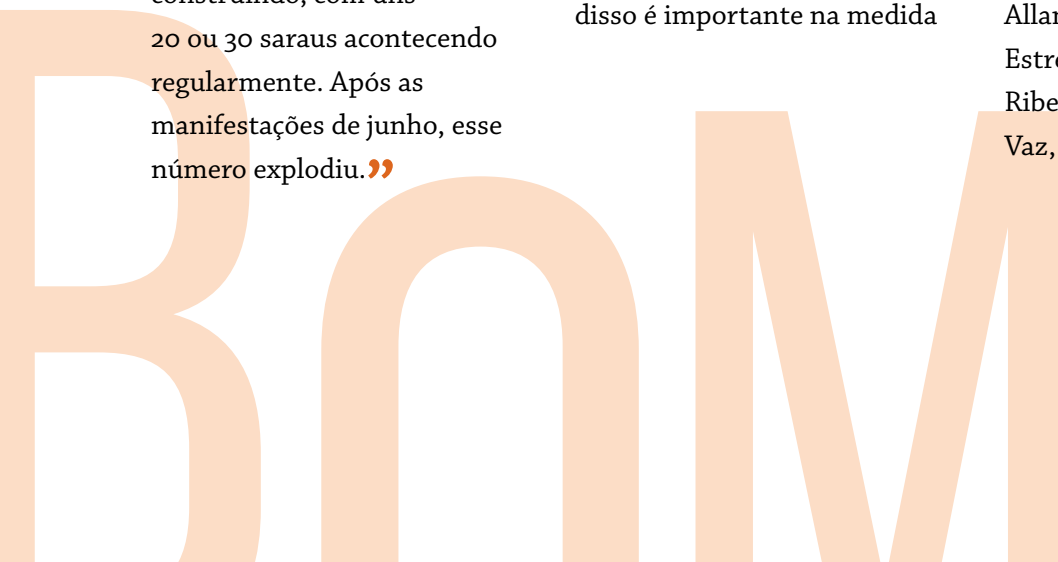
Mas ainda há quem nunca tenha ido a um, ou que se surpreenda com os números, lembra Écio.

“ É difícil dizer até mesmo se o Brasil sabe da existência dos saraus. Num país com taxas incrivelmente altas de homicídios, de violência contra a mulher, de crimes de racismo, homofobia e outras manifestações de ódio, a expressão de poesia nas praças, bares e esquinas das grandes cidades é praticamente invisível. Mas em muitos desses saraus há uma energia de transformação pessoal e comunitária, de possibilidades de expressão estética, de manifestação política e de produção literária que é ‘incontível’, como a letra da canção de Gilberto Gil. Para qualquer brasileiro, saber disso é importante na medida



em que desfaz preconceitos e a visão limitada de que a periferia é apenas ausência e violência. Não há carência ali, há potência e pessoas compartilhando o que têm de melhor.”

O escritor acrescenta que essa cena já está inventando seu próprio cânone – nomes como Renan Inquérito, Allan da Rosa, Roberta Estrela Dalva, Kimani, Luz Ribeiro, Mel Duarte, Sérgio Vaz, entre tantos.





NA COLA DOS SARAUS, AS BATALHAS DE RIMA E OS SLAMS

O crescimento do número de saraus de poesia nas grandes cidades brasileiras puxa também um aumento das “batalhas de rima”, mais calcadas na cultura hip hop, e, mais recentemente, dos *slams*, que incorporam os desafios nessa tradição oral.

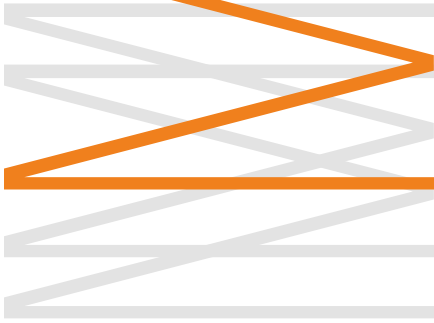
“O *slam* é uma forma de literatura oral, com declamação de poesia. O que é diferente das batalhas de rima, já que esta última tem a premissa de que o *flow* é tão importante quanto o

que está sendo dito”, argumenta o músico e antropólogo paulistano Ricardo Teperman, autor de *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*, estudioso do tema.

Ao comentar a força da literatura oral no Brasil hoje, Teperman salienta que muitas obras contemporâneas escritas têm sua força remetida à oralidade:

“Literatura oral e literatura escrita são forças complementares, cada uma com as suas particularidades. Não há uma hierarquia. É claro que podemos optar por

**O slam é uma forma de literatura oral,
com declamação de poesia.**



borrar fronteiras de gênero ou delinear essas fronteiras. Podemos pensar em casos como o recém-lançado escritor Geovani Martins que, em alguns contos – não todos, e é isso que demonstra toda a sua força – tem a dimensão da oralidade tratada de maneira radical. Transformar a oralidade em coisa escrita é uma das possibilidades abertas para essa interseção entre os dois lados.”

Na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2017, a escritora Conceição Evaristo contou que é exatamente isso o que pretende fazer em seus contos e romances. Em dado momento da sua apresentação, tomou o microfone daquele sarau gigante:

“Ninguém chora lendo dicionário. Todas as palavras estão no dicionário, mas nem por isso elas te emocionam. É o encadeamento delas que dá sentido à coisa, e para isso elas não precisam estar escritas. Eu quero escrever um texto que se aproxime da linguagem oral. É uma escolha consciente. Por isso uso termos bantos, por exemplo, para confundir o meu texto com um texto oral.”

Confundir o texto escrito com o texto oral; confundir o autor e o leitor. O ambiente acolhedor dos saraus, dos *slams* e das batalhas de rima confunde os limites que separam os atores dessa cena, lembra Teperman.

“Nesses eventos, produtor e consumidor de poesia se confundem muito mais que numa Flip, em que você tem o palestrante de um lado bem concreto e os ouvintes, em outro, mais passivamente. Nas batalhas de rima, acontece um fenômeno parecido com

os saraus: a maior parte dos frequentadores também rima. Há uma maior horizontalidade, que borra as fronteiras entre produtor e consumidor.”

Após essa observação, o pesquisador deixa uma dica:

“Vale a pena ficar de olho nas batalhas de improviso. Continuam acontecendo em todos os lugares. Como a Batalha de Santa Cruz, na saída do metrô Santa Cruz, em São Paulo, de onde saiu o Emicida, em 2006. Ou a Rinha de MCs, onde Criolo apareceu. Procure a batalha mais próxima de sua casa, na sua esquina. Haverá sempre uma moçada muito criativa.”

Outra dica para o leitor deste ensaio é buscar as apresentações, disponíveis no Youtube, das finais do Slam BR – Campeonato Brasileiro da Poesia Falada.



NO NORDESTE, AS “PELEJAS VIRTUAIS” E O AUMENTO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA

É na internet, aliás, que estão as novidades da tradição da literatura oral no Nordeste. Na tese de doutorado *Pelejas em rede: vamos ver quem pode mais*, a pesquisadora Maria Alice Amorim (PUC-SP) investiga uma modalidade que vem botando roupa nova na literatura de cordel: as pelejas virtuais, disputas poéticas via e-mail ou redes sociais. Diz um trecho de seu trabalho:

“As pelejas de cordelistas e repentistas guardam variados códigos e simultaneamente entrelaçam elementos poéticos que se atualizam há séculos. Combinando formas fixas, ritmo, temas, os duelos verbais, de improviso ou não, são

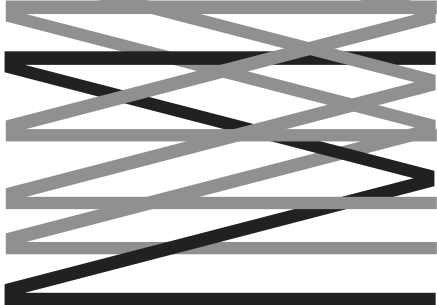
É na internet, aliás, que estão as novidades da tradição da literatura oral no Nordeste.

recorrentes na poesia de cordelistas, violeiros, coquistas, cirandeiros,

mestres de maracatu, boi de carnaval, caboclinhos, samba de matuto. Em desafios ao vivo, desafios impressos, desafios mediados pela web, é possível articular essas expressões poéticas como um grande texto oral em contínuo processo de atualização de matrizes virtuais.”

Um dos que acreditam no formato como uma das estratégias para manter viva a prática do gênero é o cordelista baiano e pesquisador de literatura de cordel Marco Haurelio, que participa de “pelejas” via Facebook. Lembrando uma das editoras cearenses especializadas no gênero, Marco Haurelio conta:

“No caso do repente, sempre surgem novas modalidades que, a depender da aceitação do público, vão sendo incorporadas ao repertório dos cantadores. No campo do cordel, poesia da letra e da voz, a grande novidade foi a descoberta do gênero por editoras de grande porte, possibilitando a sua inclusão no campo da literatura infantil e juvenil. A utilização



da internet, como ferramenta de trabalho e de divulgação, é predominante entre a atual geração. Eu, por exemplo, participei de uma peleja com Braulio Tavares, pelo Facebook, que depois foi publicada na íntegra pela Editora Tupynanquim.”

Este é um tema em debate entre poetas e pesquisadores da literatura oral, como o cearense Arievaldo Viana, que dá oficinas em escolas de todo o Brasil:

“Antes mesmo de aprender a ler, eu costumava ouvir a leitura de folhetos de cordel feita por minha avó paterna. Isso foi em meados da década de 1970, numa época em que ainda predominava a lamparina. Por não termos energia elétrica, o lazer era mais direcionado para a cultura popular: cantoria, reisado, pastoril, forró de latada e as tradicionais festas juninas.

Com essa invasão avassaladora das tecnologias, o sertão, último bastião de resistência dessas sabenças populares, vem se descaracterizando numa velocidade espantosa. É mais fácil encontrar quem preserve a tradição oral num núcleo urbano que propriamente no sertão, berço dessa cultura.”

a grande novidade,
salienta Marco Haurelio,
é o aumento da presença
feminina no cordel, reduto
tipicamente masculino.

Assim ele pondera, logo dando o braço a torcer, para usar um dos muitos ditos populares que caracterizam os resignados: “Mas a gente vai reinventando as técnicas e conquistando novos públicos, usando as ferramentas da tecnologia como aliadas. A cultura popular não pode ser estática”.

Entretanto, a grande novidade, salienta Marco Haurelio, é o aumento da presença feminina no cordel, reduto tipicamente masculino.

Como a paraibana Maria Goldelive, que carrega as tintas da ironia sobre o machismo; a cearense Salete Maria, de construção mais lírica; a cearense Jarid Arraes, que em 2018 publicou o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*; a pernambucana Mariane Bigio, autora do premiado cordel *A mãe que pariu o mundo*; a sergipana Izabel Nascimento, autora de um hit recente em Alagoas, o *Cordel do Zap Zap*; Creusa Meira, da Bahia; Cleusa Santo, de São Paulo; Josenir Lacerda e Nezite Alencar, ambas do Cariri cearense.

“A exceção formidável até então era Maria das Graças Pimentel, filha do poeta pioneiro Francisco das Chagas Batista, que publicou seu primeiro folheto, em 1935, sob o pseudônimo Altino Alagoano, na verdade, o nome de seu marido”, lembra Marco Haurelio.

Arievaldo retoma a palavra para explicar a origem da literatura de cordel no Brasil, nesse breve desafio de sabenças:

“Se fôssemos buscar a gênese da literatura de cordel teríamos que nos embrenhar nas influências mouriscas na península ibérica, nos trovadores e menestrelis da Idade Média, ou talvez na Grécia Antiga, onde a poesia já era utilizada na educação por ser o meio mais fácil de reter de memória as informações que recebemos.”

Mas vamos ao Brasil: Gregório de Matos Guerra e Gonçalves Dias já faziam uso abundante da redondilha maior, da sextilha e do martelo (estrofe de dez pés). A chamada Escola do Teixeira, formada por repentistas e glosadores de renome da Paraíba, também tinha o hábito de produzir cadernos manuscritos com histórias rimadas. Quando Sílvio Romero e Rodrigues de Carvalho, muito antes de Câmara Cascudo, fizeram as primeiras recolhas poéticas,

já se falava em “literatura de cordel”, embora ela ainda não estivesse plenamente formatada como a conhecemos hoje em dia. O poeta Santaninha, por exemplo, foi um precursor ao publicar folhetos em sextilhas anos antes do ilustre paraibano Leandro Gomes de Barros, que dá ao cordel a linguagem abasileirada tal qual a conhecemos hoje. Um caso ilustrativo é o folheto *Peleja de Riachão com o Diabo*, em que Leandro diz ter ouvido a história da boca de um velho e depois a reescreveu: “Minhas são somente as rimas / Exceto isso mais nada”.



Mariana Filgueiras é jornalista especializada em temas relacionados à cultura. Publica reportagens no jornal Folha de S. Paulo e nas revistas *piauí* e *Continente*. Na revista *Pessoa*, assina a coluna *Sobras Completas*, sobre acervos culturais. É aluna do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF) e uma das autoras da coletânea de crônicas *O meu lugar* (Mórula Editorial).



AS RAÍZES DA LITERATURA

ESTÃO GRITANDO POR ESPAÇO

1. O que você está preparando para a estreia do encontro do projeto Arte da Palavra?

CUTI Há 40 anos tenho encontrado leitores em eventos e deles recebo estímulos e questões que me fazem repensar a produção de meu ofício. Para o encontro do projeto Arte da Palavra, pretendo apresentar a sequência de minhas publicações, falar um pouco de cada título que a compõe e, também, ler textos, pois é preciso sempre dar prioridade ao que os livros trazem como conteúdo e forma de realização. Meu desejo é que seja proveitoso, pois a literatura nem sempre conta com a compreensão da sua importância para a formação do caráter, para a reflexão sobre questões existenciais e sociais. Todo encontro é uma produção de conhecimento para as pessoas envolvidas e essa produção só é possível com o diálogo. Diálogo é falar e ouvir, e ouvir não é apenas não falar, mas receber a mensagem do outro e pensar sobre ela e sentir a dimensão humana do seu conteúdo.

MARIANA FILGUEIRAS ENTREVISTA O ESCRITOR **CUTI**

2. Você acompanha de perto o crescimento de eventos que celebram a poesia falada no Brasil?

CUTI Parece-me que essa retomada da oralidade no campo da literatura tem a ver com o retorno daquilo que foi recalcado pela norma culta, pela hegemonia da escrita. São as raízes da própria literatura que estão gritando por espaço, como a lembrar o fato de todo fruto ter como antecedente primeiro as raízes. O ser humano é historicamente oral no seu cotidiano, mas a oralidade cotidiana é muito limitada em termos de criatividade, incluindo a limitação do próprio vocabulário. É o efeito do automatismo gerado também pela pressa da vida contemporânea e pelos clichês dos meios de comunicação e o discurso de mão única. Usam-se as mesmas palavras durante anos em certas relações, nas quais já se sabe o que vai ser dito. A partir desse ponto, a mesmice se instaura, pois o previsível se confirma. A criatividade é exatamente contra o automatismo nas relações, porque torna as relações mais autênticas, mais interessantes.

3. E aí entra a poesia falada...

CUTI Dizer poesia é arejar a linguagem do nosso dia a dia, é apresentar a possibilidade de um outro entendimento da própria vida no sentido de podermos senti-la com mais encantamento. Além disso, a prática literária oral é uma reação contra a preguiça mnemônica provocada pela supremacia da escrita e seus vários suportes de armazenamento. Pessoas que decoram e dizem poemas ou contam histórias realizam um importante trabalho com a função básica da nossa sanidade mental: a memória. Temos uma infinita capacidade de memorizar e quase nunca a usamos no sentido da literatura. Isso significa desperdiçar um potencial inato no sentido de incorporar a linguagem criativa. Por outro lado, quando ouvimos literatura, nossa percepção se enriquece com os elementos que entram na frequência de fruição da obra: entonação, ritmo, gesto, cenário, música, efeitos sonoros etc. É uma aproximação com a arte mais completa: o teatro.

O SER HUMANO É HISTORICAMENTE ORAL NO SEU COTIDIANO, MAS A ORALIDADE COTIDIANA É MUITO LIMITADA EM TERMOS DE CRIATIVIDADE, INCLUINDO A LIMITAÇÃO DO PRÓPRIO VOCABULÁRIO.

4. O que a literatura lhe ensina todos os dias?

CUTI Ela me ensina que a cada momento posso me tornar uma pessoa melhor, mais tolerante e receptiva; que a complexidade da existência humana no planeta exige de todos nós uma atitude de curiosidade e paciência ante os fenômenos que ainda a ciência não chegou a elucidar. Ensina também que as palavras têm um imenso potencial de nos levar a vivenciar emoções e estranhamentos a partir dos quais passamos a valorizar mais a nossa vida e a vida das outras pessoas. E o mais importante: a literatura nos convida a conviver melhor com o mistério. Quando não desenvolvemos essa convivência, nos tornamos vítimas dos vendedores de verdades absolutas que nos enchem de fantasias e cobram caro por elas. E o preço maior: a subserviência.



Em relação a alguns marcos da sua carreira: os *Cadernos Negros* completam 40 anos, mas só agora parecem ganhar certa visibilidade. Estou certa? Porque isso acontece?

CUTI Você está e não está certa. A série *Cadernos Negros* sempre foi visível para os seus leitores. Para outros, ela não é visível. Por exemplo, para a grande mídia posso dizer que a série tem pouca visibilidade, pois nos meios de comunicação há um processo de invisibilização das iniciativas levadas a efeito pela população negra, sobretudo no campo da linguagem escrita. O racismo dos meios de legitimação literária impõe uma cegueira. Seus agentes promovem um não querer ver, uma rejeição prévia ao que ameaça “des-iludir”, ou seja, tirar a pessoa de sua esquizofrenia racial, que se constitui em crer na hierarquia humana a partir da biologia, de fenótipos e culturas.

5. Falando um pouco das ferramentas contemporâneas. Você acredita nas redes sociais para a disseminação da sua (ou qualquer outra) poética?

CUTI Penso que as redes sociais servem para disseminar textos literários curtos. Algo que diga respeito à poética (a maneira de se produzir textos literários, a reflexão teórica que está na base disso) se torna mais difícil. Talvez, nesse caso, o uso funcione mais como remissivo, ou seja, você anuncia algo que remete a um pdf mais completo, de um ensaio, por exemplo, ou a uma tese, ou ainda a algum livro que alguém possa se interessar em ler. O problema que vejo nas redes sociais é a velocidade que tende, quase sempre, a nos levar à superficialidade.

7 Por último: gostaria que você comentasse e indicasse alguma leitura recente, para os leitores desta revista.

CUTI Os dois livros que li ultimamente e muito gostei são o romance *O livro dos negros*, do escritor canadense Lawrence Hill, e o de poemas do escritor carioca Éle Semog, *Guarda pra mim*. Ambos me levaram a experiências emocionais intensas, bem como a reflexões e aprendizados profundos acerca da vida e da superação dos problemas que as circunstâncias nos impõem. São obras que reforçam a noção de que toda vida se constitui de duas viagens, uma que fazemos com os outros e outra que realizamos dentro de nós mesmos.

A LITERATURA
NOS CONVIDA A
CONVIVER
MELHOR COM
O MISTÉRIO



Escritor **Cuti** é pseudônimo de Luiz Silva. Escritor nascido em Ourinhos, interior de São Paulo, em 1951, formou-se em Letras na Universidade de São Paulo. É mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Foi um dos fundadores do Quilombhoje-Literatura, em 1980, e um dos criadores da série *Cadernos Negros*, que circula desde 1978, tendo completado, em 2017, 40 anos de publicação ininterrupta, alternando poemas e contos. É autor de mais de 20 títulos, sendo os três últimos *Contos Escolhidos* (2016), *Tenho Medo de Monólogo & Uma Farsa de Dois Gumes* (teatro-2017) e *Negrhúmus Líricos* (poemas-2017), além de coautorias. Tem textos publicados em diversas coletâneas literárias no Brasil e no exterior.

TIGOARTIGOARTIGO

ARTIGO

Anotações de um pequeno editor ou as baratas da edição ou literatura jiu-jítsu

SAULO
RIBEIRO

Receber um bom texto literário de ficção ou de poesia, editar, publicar e vender. A coisa parece simples. Não é. Quando explico minha pequena editora a consultores da área de administração, eles me escutam atônitos, como se não houvesse explicação para estarmos vivos. E, no entanto, crescemos ano a ano.

Em passado recente, pequenos editores-escritores (em geral, pequenos editores são escritores) lidavam com dificuldades de todo tipo para imprimir e difundir obras literárias. Falta de acesso às livrarias, alto custo operacional para girar catálogo, inexistência de projetos de divulgação e marketing, dificuldade em estabelecer um canal de diálogo direto com os leitores, descaso da mídia. A única coisa garantida era o fracasso.

Então, surgiram novos elementos que impulsionaram a mudança de cenário, como a expansão da internet e a popularização das redes sociais. Ocorreu também o barateamento das tecnologias de criação digital e impressão. Isso tornou disponível ao pequeno editor aquilo que só as grandes editoras tinham. O custo operacional do livro caiu, o contato com leitores melhorou, os canais de venda em lojas virtuais abriram os microcatálogos para todo o país, inclusive os da minha pequena editora, localizada em um estado inexpressivo da federação.

Daí, em tempos de livrarias fechando portas, literatura desaparecendo dos jornais (e jornais desaparecendo), compras governamentais minguando, expansão do ensino universitário sem crescimento de leitores de poesia e ficção, as pequenas editoras crescem.

É que para nós, baratas da edição (creio que sobreviveremos mesmo a ataques nucleares), a crise sempre existiu, nascemos dela. Nunca tivemos nossos livros em livrarias. Sempre tivemos que ca-



A certeza mesmo é que publicar boa literatura é luta de solo, tem que pegar o leitor na chave de braço. Literatura jiu-jítsu.

Saulo Ribeiro é escritor, roteirista e editor da Cousa em Vitória, Espírito Santo. Autor do romance *Os incontestáveis*, pela Coedição Cousa e Patuá, entre outras obras.

tivar leitores no varejo. Não vendemos livros para o governo. Ser um pequeno editor é viver em crise, equilibrando-se num modelo de negócio flutuante e extremamente dinâmico.

A mobilização de redes tornou-se vital para a difusão e venda de livros. É preciso dialogar com escritores, editores, coletivos artísticos, poder público local, empresas. E isso é a especialidade das pequenas editoras do eixo e fora dele. Um pequeno editor associado a bons autores pode fazer mais barulho, localmente ou em nichos, que uma estrutura empresarial grande e distante.

Por isso, não há distinção em ser um pequeno editor do eixo ou fora dele. Pelo que acompanho e conheço de meus parceiros, fazer livro de maneira independente em São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória ou Fortaleza demanda enfrentar os mesmos demônios. São as mesmas batalhas (eu chamo de literaluta).

Nós acompanhamos todo o processo, do recebimento do original ao monitoramento da impressão, fazemos a divulgação, vendemos e remetemos os livros pelo correio, fazemos, nós mesmos, as entregas, quando o endereço é perto do depósito (às vezes a própria casa do editor), cuidamos de nossas bancas em eventos. Assim, há um limite de crescimento. Passar dele pode significar perder a aura e a capacidade de mobilizar redes. A pequena editora é muito dependente da imagem de seu editor e de seus colaboradores.

Um novo passo que muitos pequenos têm dado é o de retomar as pequenas livrarias de rua, em novos formatos. Associadas a cafés, bares, coletivos, editoras têm aberto suas sedes. A Patuá, em São Paulo, tem a Patuscada. A Cousa, aqui em Vitória, tem a Cousa Bar Café. Recebo muitas mensagens perguntando sobre esse novo modelo. Não sei se ele é sustentável a longo prazo, mas temos contabilizado conquistas. A certeza mesmo é que publicar boa literatura é luta de solo, tem que pegar o leitor na chave de braço. Literatura jiu-jítsu.

A palavra escrita como ato de resistência

FLÁVIA
PÉRET

No romance *Negras raízes*, o escritor afro-americano Alex Haley narra a história de uma família de escravos nos Estados Unidos. Uma das personagens dessa narrativa ficcional inspirada na história de vida do próprio autor é Belle, escrava que aprende a ler e a escrever sozinha e que, também em segredo, lia os jornais do “senhor” transmitindo as informações aos outros escravos. Quem nos conta essa história é Angela Davis, feminista e escritora norte-americana, no primeiro capítulo do livro *Mulheres, raça e classe*. Ao reescrever a história da escravidão a partir do ponto de vista das mulheres, Angela Davis nos ensina que a população negra escravizada, especialmente as mulheres, sempre resistiu às formas de dominação, opressão e violência que o sistema escravagista impôs e que, embora esses atos de resistência fossem diversos em sua natureza e suas estratégias – “fugas, revoltas e sabotagens” –, eles eram também “sutis”, já que muitas mulheres negras aprenderam, como Belle, a ler e a escrever.

Algumas dessas mulheres criaram escolas que funcionavam clandestinamente (das onze da noite às duas da manhã), outras conse-

A aquisição da linguagem escrita, a alfabetização pelas mulheres negras foi um processo solitário, clandestino, difícil e extremamente perigoso.

guiam escrever as próprias “licenças de viagem”, obtendo assim a liberdade, e muitas tinham acesso a informações sobre o emergente movimento abolicionista por meio da leitura de jornais. A aquisição da linguagem escrita, a alfabetização pelas mulheres negras foi um processo solitário, clandestino, difícil e extremamente perigoso.

Conceição Evaristo, uma das mais importantes escritoras do nosso país, conta que quando rompeu o ciclo que destinava as mulheres da sua família ao trabalho doméstico (empregadas, lavadeiras, cozinheiras) e às áreas de serviço das famílias brancas, decidindo estudar magistério



Flávia Péret é mestre em Teoria da Literatura pela UFMG, escritora e professora. É doutoranda em Educação pela UFMG, onde pesquisa a relação entre escrita e resistência. Desde 2009, participa e desenvolve projetos, oficinas e processos formativos no campo da escrita e seu diálogo com outras linguagens. Atuou como professora na Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia de Belo Horizonte de 2009 a 2016. Vive e trabalha em Belo Horizonte.

para tornar-se professora, foi vista como uma mulher insubordinada às normas sociais que naquela época, final da década de 1960, em Belo Horizonte, estabeleciam os espaços onde as mulheres negras podiam circular e trabalhar. No texto “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita”, ela narra o despertar da escrita a partir da lembrança do gesto infantil de desenhar o sol

com um graveto no chão de terra batida do quintal de casa. Na fantasia infantil, o sol secaria as roupas que a mãe de Conceição lavava – e era com esse trabalho que sustentava toda a família. Com essas memórias, Conceição Evaristo nos lembra que sua escrita é contaminada pela experiência de ser uma mulher negra e que ser escritora negra, no Brasil, é ainda uma exceção.

Não podemos nos esquecer também de Carolina Maria de Jesus, que estudou apenas os primeiros anos do ensino fundamental e, mesmo assim, todas as noites, depois de trabalhar mais de 15 horas catando papel nas ruas de São Paulo e cuidar dos filhos, recolhia-se na introspecção dos seus cadernos para inventar com suas palavras um mundo menos duro, um mundo no qual ela pudesse existir como pessoa. Na década de 1960, ela escreveu *Quarto de despejo*, um livro que narra seu cotidiano, suas estratégias de sobrevivência e, sobretudo, o desejo de ser escritora, contar a *sua história*, transmitir sua experiência de vida. Além de diários, Carolina Maria de Jesus escreveu

Carolina Maria de Jesus recolhia-se na introspecção dos seus cadernos para inventar com suas palavras um mundo menos duro, um mundo no qual ela pudesse existir como pessoa.

vários outros textos – poemas, biografias, ficção, crônicas, provérbios – e apesar de todas as interdições era consciente do seu projeto literário e se definia como escritora. Foi acusada de ser uma “mistificação literária”, ou seja, de não ser autora dos textos que assinava. Acusavam-na, também, de produzir textos panfletários, esteticamente pobres ou *sem literatura*, como afirmou certa vez um colunista de jornal. Eram táticas que tinham como objetivo deslegitimar a fala, a voz e os textos dessa escritora, só recentemente reconhecida por sua escrita e sua importância na história da literatura brasileira.

Prosseguindo essa linha do tempo que não conta a história oficial, aquela que aprendemos nos livros – escrita pelos vencedores, como afirmou Walter Benjamin –, mas sim a história contada a partir do ponto de vista das mulheres negras, em 2016 a artista portuguesa de origem africana, Grada Kilomba, professora universitária e feminista, apresenta na 39ª Bienal de São Paulo a videoinstalação *Enquanto eu escrevo*, um trabalho que atualiza a importância política desse ato – sempre insubordinado, sempre de resistência – que é o ato da escrita.

No vídeo, Grada Kilomba confessa que às vezes tem medo de escrever. Tem esse medo porque não pode escapar ao estereótipo, construído pelo discurso colonial, de que ela – mulher negra – é apenas um corpo, sendo que a dissociação corpo/mente foi uma das construções ideológicas mais

A escrita é produção
e ação material de
mulheres e homens.
Além de produzir
memória, arte, história,
poesia e conhecimento,
ela produz as leis, as
regras e também os
discursos de ódio.

poderosas que a civilização ocidental fabricou e, infelizmente, ainda sustenta. Historicamente, o corpo da mulher negra foi considerado incapaz de produzir conhecimento. Grada Kilomba fala do corpo da mulher negra como mercadoria, objeto de uso, um corpo útil para o trabalho doméstico, braçal e sexual, um corpo reprodutor de outros corpos também objetificados. “Por que escrevo então?” – ela se pergunta. Porque diante de tantas línguas e narrativas despedaçadas, memórias usurpadas, diante de tanta violência e de tantas prescrições que dizem *o que ela pode e o que ela não pode fazer*, é preciso descobrir e afirmar uma singularidade, descobrir um *eu*, uma individualidade, em contraposição aos discursos que transformam sua existência em uma experiência sempre inferior.

Para a artista, a escrita permite questionar as polarizações que ativam e produzem o racismo (eu/outro, sujeito/objeto, branco/negro, mente/corpo, civilizado/selvagem), deslocando o indivíduo que escreve para uma posição ativa de pensar sua própria história e questionar os discursos que fabricaram essa história.

MAS O QUE SIGNIFICA ESCREVER?

A escrita significa diferentes coisas para diferentes pessoas e áreas de conhecimento. A relação que um poeta tem com a palavra é completamente diferente da relação que um juiz estabelece com o mesmo material. Ou seja, uma mesma técnica pode ser usada em nossa sociedade de múltiplas formas. A escrita é produção e ação material de mulheres e homens. Além de produzir memória, arte, história, poesia e conhecimento, ela produz as leis, as regras e também os discursos de ódio. Escrevemos para organizar nossos pensamentos e para dar um destino às nossas inquietações, de modo que elas possam ser enunciadas e expressas.

Escrever ajuda a multiplicar o conhecimento que temos de nós mesmos e do mundo, já que envolve movimentos aparentemente contraditórios (reconhecimento e negação/recusa), mas fundamentais para o processo de subjetivação, pelo qual as pessoas descobrem e inventam sua própria singularidade. Na minha experiência como escritora e professora, percebo que essa construção de singularidades pode acontecer em vários espaços e a escrita é um deles. No entanto, é importante lembrar que a escrita não é a única forma de compartilhar experiências de mundo, saberes e afetos. É bem interessante a definição que o líder indígena Ailton Krenak apresenta sobre a escrita:

Para mim e para o meu povo, ler e escrever é uma técnica, da mesma maneira que alguém pode aprender a dirigir um carro ou operar uma máquina. Então a gente opera essas coisas, mas nós damos a elas a exata dimensão que têm. Escrever e ler para mim não é uma virtude maior que nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer um balaio, um arco, uma flecha ou uma canoa (Krenak citado em Freire e Bucci, 2015, p. 86).

Ou seja, os povos indígenas não precisam da escrita para lembrar da sua história, dos seus costumes ou para saber/afirmar quem são. Eles desenvolveram outros saberes e técnicas para guardar a

O termo *chicano* é uma palavra usada pejorativamente para denominar indivíduos dos países latino-americanos, sobretudo os mexicanos, que vivem nos Estados Unidos.

memória. Neste sentido, a escrita é uma invenção que não faz sentido à cosmogonia indígena, mas pode ser utilizada pelos povos indígenas como ferramenta de luta por direitos e visibilidade. Não podemos nos esquecer, como mostrou o historiador francês Michel de Certeau, que a escrita sempre serviu a propósitos civilizatórios: “a escrita é capitalista e conquistadora” – afirma ele. A racionalidade capitalista captura as subjetividades, transcodificando e transformando em mercadoria tudo aquilo que é singular e particular, inclusive narrativas e histórias de vida. No entanto, para muitos grupos e pessoas, saber usar a escrita contra-hegemonicamente é um ato de resistência capaz de evidenciar as marcas de diferenciação social, sexual, racial e tantas outras marcas que violentamente estruturam nossa sociedade.

Escrever é inventar

Muitas outras mulheres também reivindicam para si esse território da invenção materializado na escrita. A escritora e feminista lésbica Glória Anzaldúa escreveu, em maio de 1980, uma carta-manifesto (“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”) na qual convoca a mulher negra, a mulher indígena, a mulher *chicana*, as mulheres lésbicas, as mães que criam seus filhos sem a participação dos pais e tantas outras mulheres das Américas a pensar os lugares que ocupam na “tradição” e no espaço literário dos seus respectivos países. Em sua carta-manifesto, Gloria Anzaldúa se pergunta: “Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever?” Ela conta que, se por um lado, os mexicanos que vivem nos Estados Unidos sempre foram obrigados a aprender o inglês, o espanhol (sua língua materna, a língua que se falava em casa) era sistematicamente menosprezado.

[...] eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia (Anzaldúa, 2000, p. 229).

Anzaldúa escreve porque precisa contar essa história de invisibilidade e de silenciamento a partir do seu ponto de vista: mulher mestiça, lésbica, desde criança forçada a “dominar” uma língua oficial e hegemônica como o inglês. Em um trecho da carta, ela enumera os motivos que a levam a escrever:

Porque devo manter vivo o espírito da minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Escrever é reescrever

No texto “Mulheres-cabaças”, Creuza Prumkwyj Krahô, pesquisadora indígena que realizou mestrado sobre seu povo, os Krahô, de Aldeia Nova (Tocantins), narra sua percepção de que sempre que antropólogos (tanto homens quanto mulheres) chegavam à aldeia para pesquisar os costumes dos Krahô, nunca se interessavam pelas falas das mulheres da tribo. Historicamente, no contato dos homens brancos antropólogos com a tribo, as indígenas nunca eram consultadas, pesquisadas ou escutadas, mesmo sendo elas, na cultura do seu povo, importantes guardiãs da

Minha hipótese é que todas essas mulheres, ao escrever, estão inventando uma forma diferente de se expressar pela escrita, uma forma de compartilhar as experiências vividas com as histórias coletivas, as narrativas orais e uma série de práticas que escapam à lógica de organização do pensamento lógico-discursivo e da escrita tal qual a aprendemos.

cultura e de costumes seculares e, por isso mesmo, chamadas mulheres-cabaças.

Essa história, a importância das mulheres indígenas na transmissão de um conjunto de saberes que constituem a etnia Krahô, só chegou até nós porque Creuza realiza esse gesto político que é a escrita e, mesmo contra inúmeras dificuldades, decide escrever sobre um tema que, sob um novo ponto de vista, revela mais uma vez o sexismo que organiza a produção do pensamento ocidental: como é produzido o conhecimento? A partir de quais paradigmas ditos científicos? Quem está habilitado a falar e a pesquisar? Quem escolhe quais discursos têm validade? Como se constrói um cânone?

Segundo os depoimentos que Creuza Krahô coletou ao longo da pesquisa, “as mulheres-cabaças foram as primeiras pessoas que aprenderam com o Sol, nosso herói criador, sobre os resguar-

As questões políticas, os desejos, os afetos, os medos, as interdições (ditas e não ditas) e tudo aquilo que afeta a vida dessas mulheres materializam-se nos seus textos.

dos e assim, este saber foi sendo repassado”. Os resguardos são saberes e habilidades transmitidos oralmente, mantidos vivos ao longo dos séculos. É a sabedoria das mulheres, no uso que fazem das plantas, das cascas e das raízes da floresta, para cuidar do corpo, da memória, trançar um enfeite que protege os homens dos perigos da floresta, ou a técnica para cortar os cabelos.

Para realizar essa pesquisa, Creuza Krahô ficou longe da família e dos filhos durante longos períodos; além da saudade, convivia com a dificuldade material para se sustentar, comer, realizar as viagens até a aldeia. No texto “Mulheres-cabaças”, ela conta que a maioria das mulheres da sua tribo não fala o português, apesar de compreendê-lo. O esforço de aprender o português, a língua dos *Cupen* (os brancos – não índios) foi um exercício de compreender esse outro – nós, que nem sempre temos a mesma disposição e a abertura que Creuza teve para compreender aquilo que é diferente do seu modo de viver e da sua cultura. Acredito que seja também o mesmo exercício ou prática com a linguagem que Grada Kilomba aciona para falar do que é ser mulher negra artista, ou a dificuldade expressa por Gloria Anzaldúa quando escreve em uma língua que não é a sua. Minha hipótese é que todas essas mulheres, ao escrever, estão inventando uma forma diferente de se expressar pela escrita, uma forma de compartilhar as experiências vividas com as histórias coletivas, as narrativas orais e uma série de práticas que escapam à lógica de organização do pensamento lógico-discursivo e da escrita tal qual a aprendemos.

Escrever é ocupar

Todas essas narrativas parecem coincidir num ponto: o sujeito da enunciação é sempre uma pessoa que critica a racionalidade capitalista e ocidental dos discursos que instituem, legitimam e validam as várias formas do poder em nossa sociedade. A proposta política e ética que há mais de duas décadas tem sido pautada por uma série de estudos e que no debate contemporâneo ganha mais visibilidade é uma pergunta crucial para compreender a emergên-

cia de todas essas contranarrativas: quem pode falar? O lugar de fala não é um conceito abstrato, ele é justamente a legitimação das falas e das escritas (do seu conteúdo, mas também dos seus modos e formas de articulação) de pessoas e/ou grupos que, por sentirem, viverem e pensarem de forma não hegemônica tiveram que estabelecer uma série de estratégias e ações políticas para ocupar esse território tão disputado: o espaço dos discursos. Nesse trânsito, quase sempre difícil e doloroso de escrever a própria história, é preciso transformar a escrita em uma espécie de território (ainda que com fronteiras fluidas, efêmeras e móveis), a ser ocupado e habitado de forma corajosa, ativa, particular e, principalmente, tomando-se posse do direito de escrever, que a meu ver é algo completamente diferente do direito à alfabetização. Os lugares de fala que se materializam nisso que chamo de *territórios de escrita* são as percepções, desejos, ideias, opiniões, imaginários que se transformam em diversos gêneros de relatos e narrativas, como poemas, contos e dissertações de mestrado, que se contrapõem às narrativas oficiais. Quando afirmamos a importância da emergência dessas contranarrativas no estabelecimento de novas versões sobre os fatos que constituem historicamente nosso país, estamos afirmando a importância de resistir pela via da palavra e do texto, usar a escrita como uma máquina capaz de combater aquilo que ao longo da nossa história criou diferenciações dominadoras e opressoras.

Escrever é resistir e reexistir

Ao escrever, Grada Kilomba, deixa de ser a pessoa “descrita” para ser a pessoa que escreve. Esta afirmação, feita por ela, vale também para Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Glória Anzaldúa e Creuza Prumkwij Krahô. É um deslocamento de poder radical, pois inverte a ordem do jogo, ou melhor, expõe a regra do jogo, desvelando as tramas históricas que a civilização ocidental utiliza para produzir a diferença entre os seres humanos. As questões políticas, os desejos, os afetos, os medos, as interdições (ditas e não ditas) e tudo aquilo que afeta a vida dessas mulheres materializam-se nos seus textos e cada uma delas apropria-se desse código/técnica/saber que é a escrita para produzir um tipo de conhecimento que modifica não só o mundo em que elas vivem, mas principalmente a elas próprias.

No campo da escrita, a hegemonia seria uma espécie de homogeneidade dos discursos e das narrativas. Contra as histórias em que a experiência múltipla do ser é circunscrita à gramática de estereótipos construídos no jogo violento da alteridade colonizadora, branca, masculina e heterossexual, muitos grupos e pessoas têm se apropriado da escrita como um território de insurgência, de resistência e de reinvenção de si.

Durante os vários anos em que atuei em uma escola de artes para jovens da periferia urbana de Belo Horizonte, e também a partir de muitos outros encontros e trocas que ainda vivencio como arte-educadora no campo da escrita, comecei a perceber o ato de escrever como um dispositivo

capaz de criar territórios simbólicos de invenção e de resistência dos sujeitos, questionando, por exemplo, as identidades fixas e hegemônicas de gênero, de raça, de classe, de etnia e produzindo simultaneamente renovados modos de existência e de reexistência. Para a filósofa e professora Renata Aspis, a resistência não é apenas algo que realiza uma força contrária, mas é em si um movimento de invenção. Não apenas resistimos *a* alguma coisa, mas *re-existimos* (inventamos/criamos) com alguma coisa, conjuntamente. A escrita como *resistência* é uma forma de fabricar e fabular *outros* modos de escrever que são também outras existências, diferentes daquelas que, culturalmente e historicamente, aprisionaram mulheres e homens em concepções binárias de sexo ou em papéis sociais de classe, raça e etnia fixos e perversos. A partir desses territórios insurgentes de escrita, é possível repensar nossa história oficial, colocá-la sob suspeita, incluindo e acolhendo um conjunto de contranarrativas que, a partir de suas inúmeras especificidades, contam uma *outra* história do Brasil e da América.

Post scriptum

Terminei de escrever este artigo no dia 14 de março de 2018, às 22h50. Enviei o texto para os editores e antes de desligar o computador entrei no Facebook onde fiquei sabendo da execução de Marielle Franco, mulher negra, ativista dos direitos humanos, feminista, lésbica, vereadora na cidade do Rio de Janeiro com mais de 46 mil votos. Diante desta tragédia, a única coisa que posso fazer – coisa esta tão minúscula – é dedicar este texto à Marielle Franco. Que ela possa seguir presente em nossas memórias e em nossas lutas, como exemplo de resistência, militância e coragem.

referências

- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- ASPIS, Renata P. L. *Ensino de filosofia e resistência*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/250741/1/Aspis_RenataPereiraLima_D.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo. 2016.
- FREIRE, Alípio; BUCCI, Eugênio. Receber sonhos: entrevista com Ailton Krenak. In: COHN, Sérgio. *Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015. (Série Encontros)
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe os lugares de nascimento da minha escrita. In: Alexandre, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza. 2007. p. 16-21. Disponível em: <<http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- HALEY, Alex. *Negras raízes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- KILOMBA, Grada. *While I write* [Enquanto eu escrevo]. Youtube. Vídeo com legendas em português. Duração 2min33s. 11 maio 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- KRAHÔ, Creuza Prumkwij. Mulheres-cabaças. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 11, p. 110-117, 2017. Disponível em: <<https://piseagrama.org/mulheres-cabacas/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Literatura e fome

JOSÉ
CASTELLO

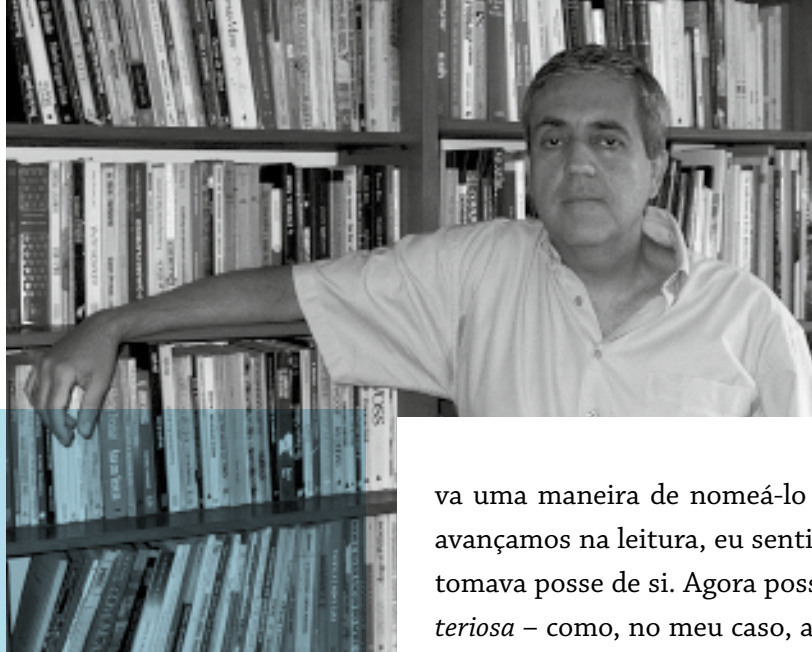
Aos oito anos de idade, eu era um menino frágil e triste. Um menino faminto, não de alimentos, mas de vida. Estava sempre pelos cantos, mastigando o vazio, em busca de algo que desconhecia. O acaso me fez encontrar, na pequena biblioteca de uma tia querida, Enyci, um exemplar amarelado do *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Foi meu primeiro delito: sem coragem para pedir o livro emprestado – sem coragem de existir –, eu simplesmente o roubei.

Deitado na rede da varanda, ainda trêmulo, eu o devorei. Avançava, retrocedia, avançava um pouco mais, com medo de chegar ao fim e perder o livro para sempre. Li e reli o romance de Defoe várias vezes seguidas. A solidão de Robinson, seu desamparo absoluto, a necessidade de reconstruir sua vida a partir de destroços iluminaram a minha própria vida de menino, oferecendo-me uma imagem mítica. Meus pais sempre me amaram. Meus irmãos estavam sempre ao meu lado. Mas nada me preenchia: eu tinha um buraco escavado no peito, uma fome insana me atordoava. Só o romance de Defoe desenhava os

Despreza-se, perigosamente, o que a literatura faz com nossas almas. Despreza-se o modo como ela contorce, deforma e reforma o espírito de quem lê.

limites para um espelho no qual eu podia, enfim, me contemplar. Alimentei-me de mim. Eu não era Robinson Crusoe – mas agora tinha um irmão de sangue. Não estava mais sozinho.

Neste verão de 2018, reli em voz alta, na companhia de meu sobrinho Eduardo, de 13 anos, *A ilha misteriosa*, de Julio Verne. Mais uma vez, a literatura confirmou seu poder de recriação. Infelizmente, muitos pensariam: “recreação”. Mas a literatura é muito mais que uma simples diversão. Vejam o caso de Eduardo que, ao contrário de mim, é um garoto feliz. Contudo, ele guarda um segredo: está sempre a filosofar. Às vezes me fala das ideias que o atordoam, e elas são espantosas. Sob seu rosto plácido, carrega muitas aflições. Pois, durante a leitura do romance de Verne, a cada passo do engenheiro Cyrus Smith, ou do marinheiro Pencroft, eu via seu rosto se iluminar. Ali, naquele livro, Eduardo não só se defrontava com o mistério, mas encontra-



Livros são alimentos.
Só eles matam a fome que
temos de nós mesmos.

va uma maneira de nomeá-lo – isto é, de capturá-lo. Conforme avançamos na leitura, eu sentia, maravilhado, que meu sobrinho tomava posse de si. Agora posso dizer que a leitura de *A ilha misteriosa* – como, no meu caso, a leitura de *Robinson Crusoe* – o alimentou. Através do livro, ele tomou corpo e chegou a si mesmo.

Em um contraste desolador, observo o mundo contemporâneo. Ele está assolado pela ideia banal de que a literatura é uma simples diversão, ou recreação. Entrar em um livro, se acredita, é como visitar um parque temático, onde nos esperam experiências radicais e sensações intensas, mas fugazes. Maravilhas (tolices) que logo passarão. No mundo de hoje, infestado pelas imagens rápidas e pelas luzes feéricas, acredita-se que tudo se passa no exterior. Tudo é reflexo, tudo é efeito, tudo é resultado. *Selfies*, vídeos, poses – as experiências mais banais se transformam em espetáculo, que é sempre “para o outro” e nunca para si. Assim também se encara a literatura: como um passatempo ou, no máximo, uma experiência relaxante. Despreza-se, perigosamente, o que a literatura faz com nossas almas. Despreza-se o modo como ela contorce, deforma e reforma o espírito de quem lê.

Peça a peça, fui construído pelos livros que li ao longo de minha formação. Por *A metamorfose*, de Franz Kafka, que, horrorizado, li aos 13 anos. Por *A peste*, de Albert Camus, que me deprimiu e perturbou aos 15. Por *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, que simplesmente me adoeceu aos 19, servindo como dolorosa ponte de entrada para a vida adulta. Esses livros, hoje, fazem parte de mim. Eu os devorei. Assim também meu sobrinho Eduardo Tuchaki, passo a passo, livro a livro, ganhará corpo. Livros são alimentos. Só eles matam a fome que temos de nós mesmos.

José Castello,
jornalista e escritor, é
Mestre em Comunicação
pela UFRJ. É autor, entre
outros, de *Vinicius de
Moraes: o poeta da paixão*
(biografia, Companhia
das Letras, 1994, Prêmio
Jabuti em 1995), *Ribamar*
(romance, Bertrand Brasil,
2010, Prêmio Jabuti em
2011) e *Dentro de mim
ninguém entra* (infanto-
juvenil, Berlendis, 2016,
Prêmio Jabuti em 2017).

Roubar de um é plágio, roubar de muitos é arte

CRISTIANE
COSTA

Era uma vez um sujeito que queria porque queria escrever um livro. Sentou-se em frente à máquina de escrever (naquela época não existia computador), cercou-se de dezenas de livros (naquela época também não existia Google), e em pouco mais de uma semana (para imensa felicidade dele, naquela época também não existiam celulares nem redes sociais) escreveu uma das obras-primas da literatura brasileira.

A primeira versão de *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter foi composta em exatos oito dias, em dezembro de 1926. A versão definitiva não levou muito mais tempo, de 23 de dezembro do mesmo ano a 13 de janeiro de 1927. Em julho do ano seguinte, um certo Mário de Andrade publicou por conta própria um livro que é considerado um dos mais importantes estudos sobre a identidade brasileira.

Como assim? Oito dias para escrever uma obra prima? A questão é que nem o nome do protagonista era inédito, descobriu-se depois. Trechos inteiros relatando os feitos do herói Makunaima foram copiados de narrativas indígenas reunidas por um etnólogo alemão chamado Theodor Koch-Grünberg numa expedição que fez entre 1911 e 1913, na Amazônia.

Em vez de desmentir o plágio, Mário de Andrade não se deu por rogado. Numa carta enviada a um amigo que o defendeu da acusação de plágio, ironizou:

Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr., na cena da Boiúna. Confesso que copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais e devastei a tão preciosa quão



Cristiane Costa é doutora em Comunicação e Cultura e coordenadora do curso de Jornalismo da UFRJ. É autora de *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil* (Bolsa Vitae de Literatura) e *Sujeito Oculto* (Prêmio Petrobras de Produção Literária), nos quais usa as técnicas de *remix* para a produção de um romance original.

solene língua dos colaboradores da *Revista de Língua Portuguesa* (ANDRADE, 1988, p. 427).

A verdade é que o modernista Mário de Andrade percebeu que o que chamamos de literatura é um “tecido de citações”. Hoje, mesmo depois de *remixes* fazerem parte de qualquer *playlist*, o tema ainda é controverso. É curioso que termos como *composição* são usados tranquilamente na música. Assim como *montagem* é parte da linguagem cinematográfica. E a *colagem* é parte da história da pintura. Mas, na literatura, combinar material existente para produzir outro permanece um tabu.

Uma ideia assim pode ser chocante à primeira vista. Mas tem rendido uma série de conceitos e propostas inovadoras. Uma das mais interessantes é a de *Uncreative Writing Workshops*: oficinas criadas pelo americano Kenneth Goldsmith que literalmente

proíbem o aluno de escrever qualquer palavra que não seja tirada de alguma outra obra. Por incrível que pareça, a proibição de ser original acaba gerando um fluxo de energia capaz de jogar

por terra qualquer bloqueio criativo ou angústia de influência. O leitor comum pode não saber, mas o corta e cola foi um truque usado por escritores tão importantes como Shakespeare e James Joyce. Como diria um dos especialistas no assunto, o americano Austin Kleon, em seu livro *Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade*, “roubar de um é plágio, roubar de muitos é arte”.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopes. Florianópolis: EdUFSC, 1988. (Coleção Arquivos)
- GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative writing*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2011.
- KLEON, Austin. *Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade*. Trad. Leonardo Villa-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

A misteriosa e controversa Literatura Fantástica

THIAGO
TIZZOT

A imagem de alguém andando pelos corredores de um evento literário carregado de grossos livros é cada vez mais comum. Às vezes pode estar acompanhado de uma varinha, uma capa ou até mesmo vestindo pés peludos. Isso é o resultado do atual sucesso que a Literatura Fantástica faz entre os leitores.

Não é difícil perceber também como a Literatura Fantástica está presente em nosso dia a dia. Seja um programa de TV que se chama *Grande irmão*, seja uma camiseta com o símbolo de Hogwarts, ou quando você comete um erro e alguém que lhe diz: “Você não sabe de nada, Jon Snow”.

Ao longo dos anos aconteceu uma evolução na forma como as histórias fantásticas são contadas.

E quando um livro nacional de fantasia fica nas listas dos mais vendidos por semanas, como é o caso do *Ordem Vermelha*, do Felipe Castilho, sabemos que estamos diante de algo incrível.

Nos últimos anos, a Literatura Fantástica caiu no gosto dos leitores e invadiu outras mídias. Cinema, séries de TV, histórias em quadrinhos e jogos eletrônicos são influenciados e buscam seus conteúdos nesse gênero literário.

É difícil precisar o porquê deste sucesso, porém alguns detalhes ajudam a esclarecer um pouco a questão. Ao longo dos anos aconteceu uma evolução na forma como as histórias fantásticas são contadas. A figura do herói mudou e um dos primeiros exemplos é o Frodo, em *O senhor dos anéis*: uma pessoa comum que precisa enfrentar um desafio enorme e reage demonstrando medo e insegurança, algo que o aproxima de nós.

E mesmo apresentando as mesmas falhas que nós, Frodo consegue realizar um grande feito: salvar o mundo, ou a Terra-Média.



Thiago Tizzot é escritor, editor e livreiro. Nasceu e vive na cidade de Curitiba, onde abriu a editora e livraria Arte & Letra. Foi editor da revista literária *Arte e Letra: Estórias* e da revista *MAPA*. É autor dos livros *O Segredo da Guerra*, *A Ira dos Dragões e outros contos* e *Três Viajantes*. Teve seus textos publicados em coletâneas, revistas e jornais literários no Brasil, Espanha e França.

Vivemos hoje uma realidade em que as pessoas, cada vez mais, buscam por reconhecimento nas redes sociais e seus “likes”, então parece natural que procurem por histórias que tragam personagens desse tipo e que ao mesmo tempo são capazes de mudar a história do mundo.

Nos tempos de hoje, tudo é registrado e compartilhado em busca de aprovação e repercussão. A imagem de alguém que, mesmo com falhas e imperfeições, pode mudar o destino de todos, dentro da antiga ideia de salvar o mundo de sua destruição, cria um apelo que funciona terrivelmente bem.

Outra característica que conta a favor da Literatura Fantástica é o universo ficcional em que ela está ambientada. Não existe uma boa história sem a companhia de um mundo interessante e bem construído. E a descoberta de um novo mundo, diferente e ao mesmo tempo familiar, é algo que seduz a curiosidade de qualquer pessoa. Quem não gostaria de caminhar pelo beco Diagonal ou conhecer a impiedosa Untherak?

Mergulhar em um mundo ficcional é conhecer uma nova gíria, uma referência, um lugar, um personagem, e somente quem leu o livro saberá sobre o que você está falando. Um conhecimento restrito. Hoje tudo se espalha muito rápido pela internet e podemos falar com pessoas do mundo inteiro. Logo, é possível encontrar outros leitores que também conhecem estas mesmas referências. De repente todo mundo está falando sobre um universo que só existe nos livros e ninguém quer ficar de fora de uma boa conversa.

Por isso, bem-vindo à era da Literatura Fantástica.

Referências

- CASTILHO, Felipe. *Ordem Vermelha: filhos da degradação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- TOLKIEN, J.R.R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Trilogia)

CONTO

OPTIONAL

OPTIONAL

A ÚLTIMA HORA DO

SARGENTO SALINGER

Joca
Reiners
Terron

1. O sargento Salinger sabia que morreria naquele dia, e isso não lhe deixava nem um pouco satisfeito. Havia sobrevivido ao Dia D, a uma amante adolescente e fofqueira e a tantas outras provações terríveis, e mais esta agora: estava prestes a morrer de velhice.

A perna quebrada no ano anterior já o alertara de que a vida aos 91 anos não era nenhum pudim de leite condensado. Ainda por cima o doutor o impedia de dar suas caminhadas pelo bosque ao redor da casa. Cornish não lhe parecia mais uma cidade tão aprazível.

Coisa mais chata, esse negócio de ter de morrer.

2. Não havia muito do que reclamar, afinal. Ele sobrevivera a Holden, desaparecido em missão na Segunda Guerra, e a Seymour, suicidado em plena lua-de-mel.

Mesmo assim, esperava ao menos um telefonema dos dois. Ele merecia. Talvez Buddy aparecesse. Seria legal, uma última xícara de chá com seu amigo. A água já estava fervendo no bule.

Mas o que o apavorava mesmo era o tal clichê, aquele negócio de a vida inteira passar diante dos olhos na hora da morte. Que saco, viver tantos maus momentos e meio que ser obrigado a rever tudo de novo.

Bem que a vida podia vir com botão de fast-forward. Sempre em frente.

3. Essas coisas todas e o frio que fazia acabaram levando Salinger a se lembrar da guerra.

Era o dia 13 de setembro de 1944.

Ele e seus companheiros do 12º Regimento de Infantaria chutavam moitas congeladas no meio da floresta de Hürtgen e avançavam em direção à Alemanha. Suas galochas tinham furos do tamanho de moedas e faltavam cigarros. Os trocentos mil alemães da 2ª Divisão S.S. Panzer mais à frente não incomodavam tanto quanto não ter cigarros.

Sem cigarros não dá. Pior que não ter cigarros só fumar com luvas. Você não sente a textura do papel entre os dedos, e acaba sendo a mesma coisa que não fumar. Isso e meia molhada devem ser as piores coisas do mundo.

É fogo.

Dentro das botas os garçons serviam uma cheirosa sopa de meias.

Foi então que a neblina baixou, encobrindo a visão das montanhas Schnee Eifel. Não se via um maldito chucrute à frente.

Que merda.

4. Engraçado, mas ele nunca contara a ninguém aquela história. Fazia parte do pacto entre os soldados da 12ª nunca mais tocar no assunto.

O sargento Salinger liderava o pelotão no ataque à casamata inimiga. A metralhadora alemã parecia uma velha mascate que conhecera no mercado municipal de Nova York, soltando perdigotos de luz que furavam a neblina noturna.

Então foi atacado. Saído por detrás de uma árvore com baioneta em punho, um alemão pretendia fatiá-lo feito salame hamburguês em fatias fininhas. Na lama, o sargento rolou agarrado ao inimigo a ponto de sentir seu cheiro de merda e repolho misturados. Depois de alguns minutos, conseguiu furá-lo com a própria baioneta.

Ao levantar-se, porém, Salinger viu um vulto que saía da névoa em sua direção. Sem piscar duas vezes, saiu distribuindo facadas na fumaça leitosa até ver sangue nas mãos. Quando olhou para baixo, viu o corpo de Jimmy, um soldado da companhia.

Sua respiração fazia bolhas de ar na lama. Daí não se mexeu mais.

5. O sargento Jerry Salinger sempre achou divertidas as especulações acerca de seu isolamento naquela cidadezinha rural de New Hampshire. Diziam que não suportava a convivência com outros seres humanos. Que prezava apenas seus personagens.

Isso era e não era verdade. Ele não suportava a si mesmo, e preferia poupar os outros de sua presença hostil.

Como sempre, Holden e Seymour não telefonaram. Eram uns ingratos.



Ele necessitava de paz para recriar a vida de Jimmy. E foi isso o que fez naqueles anos todos de solidão: escreveu a vida que Jimmy não tivera. Seu casamento infeliz com Lucille. As três crianças gordinhas. Uma carreira bem-sucedida na publicidade. E o segundo casamento, com Zara. Desta vez ele foi bem feliz.

Mas ninguém precisava ler isso. Enquanto jogava as páginas datilografadas na lareira acesa, a campainha tocou.

Deve ser o Buddy.

Que bacana, bem a tempo de servir o chá.

Odeio quando falta cigarro.

Odeio meia molhada dentro do sapato.

Mas o que eu mais odeio é tomar chá sozinho.



Joca Reiners Terron é escritor, nascido em Cuiabá, 1968. Publicou livros de poemas e narrativas, além dos romances *Não há nada lá*, *A tristeza extraordinária do leopardo-das-neves* e *Do fundo do poço se vê a lua*, todos pela Companhia das Letras, pela qual também recebeu o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, em 2010. Traduziu obras de Enrique Vila-Matas, Richard Brautigan, Mario Levrero e Roberto Bolaño. Sua última obra é o romance *Noite dentro da noite* (Companhia das Letras, 2017). Escreve na Folha de S.Paulo desde 2004 e leciona na Pós-Graduação em Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

O SONHO DE UMA SOMBRA

Sidney
Rocha

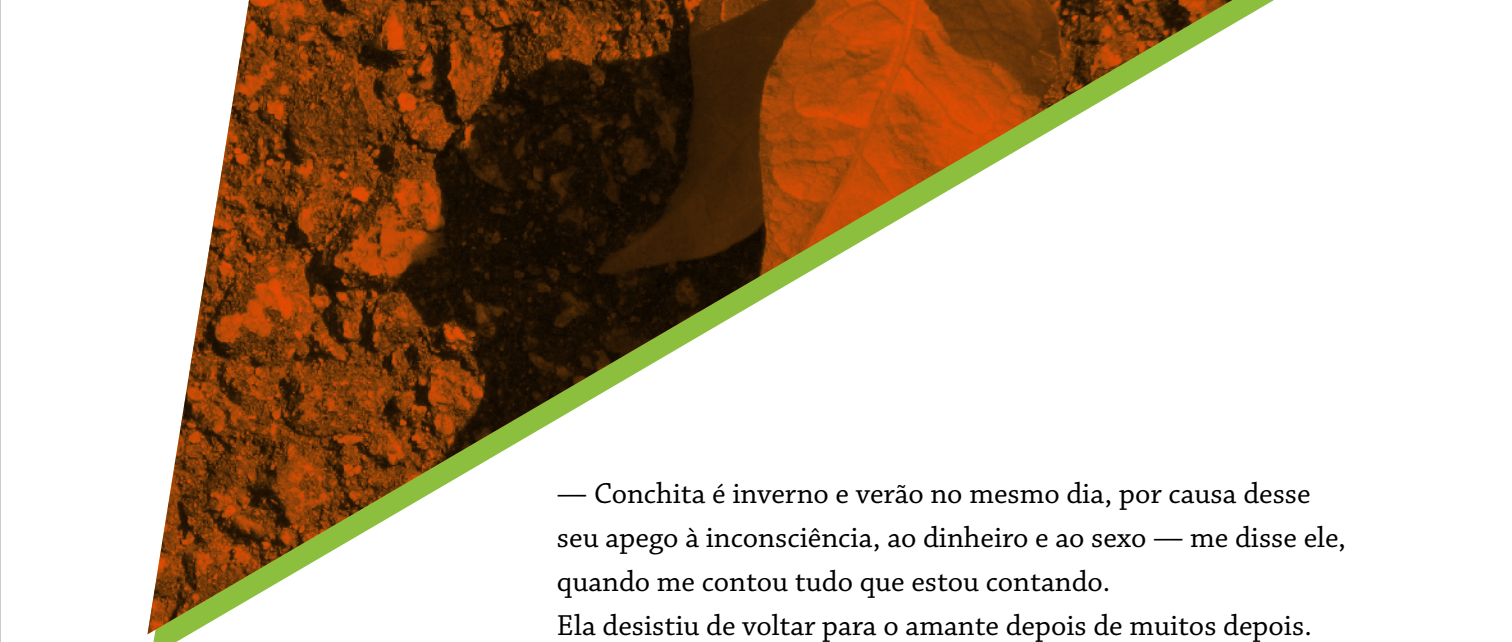
A vida de Camacho não é um sonho. Ou a vida desses dois — porque a dele inclui a de Conchita. Todo amor é original até degenerar em filhos e lugares-comuns. Talvez porque o Destino quisesse Camacho genial o fez chegar à cidade arrastando uma perna, e sua linda Conchita. Desceram do caminhão. Na verdade, o motorista chutou Conchita antes de ela sair completamente da boleia e quando Camacho tentou ele mesmo se levantar, agarrar a muleta e partir para quebrar a cara do branco-de-merda, tudo já era poeira.

— Não tem importância, querido. Vamos daqui — disse a corajosa Conchita.

Camacho lutou o quanto pôde para salvá-la do cafetão, sem terem de fugir da cidade e deixar tudo para trás, mas foi inevitável. A cada iniciativa de libertar-se, Conchita ganhava outra cicatriz no corpo e Camacho amargava cada minuto por não poder dar proteção à sua amada. E um machado decepava sua outra perna quando ela, em vez de voltar para ele, preferia o outro amante, um viciado em Conchita e coca. Camacho é esse santo de baraúna, cuja única missão no mundo é amar sua prostituta e nenhum cristo levou isso tão a sério.

A primeira porta a se abrir foi a do bar, e o primeiro rosto visível, o de Brigitte. Isso faz alguns dez anos. Camacho agora está vinte vezes mais gordo e mais manco. E Conchita algumas doses ainda mais linda.

Brigitte mostrou para Conchita as regras da casa e ela se sentiu à vontade e seu trabalho os manteve por muitos anos, embora ele estivesse o tempo todo ao seu lado, o besourão preto, o rola-bosta:



— Conchita é inverno e verão no mesmo dia, por causa desse seu apego à inconsciência, ao dinheiro e ao sexo — me disse ele, quando me contou tudo que estou contando.

Ela desistiu de voltar para o amante depois de muitos depois. Brigitte e as meninas a consolam mostrando a importância do amor de um homem, até mesmo o amor puro do sujo Camacho, e ela agora sonha e vive a vida feliz ao lado dele, e dos seus clientes, dentro do bar que é sua vidamorte:

— Não tenho carro nem mula, mas quem disse que a miséria é diferente aqui ou lá? As pessoas têm medo de perder. Eu que só não-tenho, não tenho medo de nada.

E:

— Não tenho fechadura na porta. A sorte pode entrar quando bem quiser. Quanto aos inimigos, o que podem fazer? Roubar meu tapete?

Camacho ri e sua gargalhada embriaga todo o bar.

— Tenho minha gaita — diz o aleijado — e minha Conchita. Gosto tanto quando ela diz: “Eu te amo, Camacho. Não deixe ninguém mexer comigo. Não me deixe enlouquecer. Se puder fazer isso, meu amor, ah, quero ficar com você para sempre. Você pode, Camacho, mais uma vez, ser meu homem?”

— E eu respondo para ela com minha música: “Ele jamais colocará as mãos quentes em você, Conchita. Não deixarei. Você tem seu homem, esqueça o passado. Sorria. Você é minha mulher agora, minha peixinha.”

— E você é meu gato, e eu nunca irei a lugar nenhum sem você. Às vezes algumas vozes dizem o contrário dentro de mim, mas eu vou ficar aqui para a vida toda. Juro.

— Saiba disso, querida. Você tem seu homem, agora.

— Como, querido? O que você disse?

— Droga, há dez minutos repito isso e você não ouve, Conchita, você está olhando para aquele cavalheiro de terno branco e sapatos amarelos. Ele pode ser rico, mas estará ali sempre o pobretão por baixo da pele. Esta cidade vai engoli-lo como nós.

— Boa-noite, meu amor, Camacho, preciso trabalhar.

Eu olhava para ele ali na porta, lenhoso, roncando junto à catraca.

Alguns riam dele. Sei sobre o coração do tolo Camacho, como se

tivesse em meu peito chagado a mesma hidra com dentes de

fogo. Quem olha a aparência de alguém que sofre

mesmo dormindo e se assusta, imagine

se pudesse ver lá dentro seu

abismo interior. Camacho jurou

amar e defender sua amada do

seu passado, no seu presente.

Seria capaz de perder a outra perna por ela.

E perderia até o prazer de alisar aquelas coxas, porque perderia a

mão, a outra depois, Camacho que já havia perdido a cabeça por ela.

Naquelas noites, Camacho — seu corpo uma barricada contra a porta

para nada poder arrombá-la — repetia, enquanto Conchita sonhava:

— Vencemos, minha peixinha. O passado não pode lhe tocar mais.

A melhor descrição seria a luz quando engole a sombra.

O destino já havia tomado partido por Conchita e por seu amante.

Espero um dia você entender isso, Camacho. Há os que são essa

sombra, essa figuração no filme que é a vida do outro.

Então, olho-o daqui. Conchita pede para meus sapatos amarelos

não fazerem barulho. E passamos por são Camacho preto e

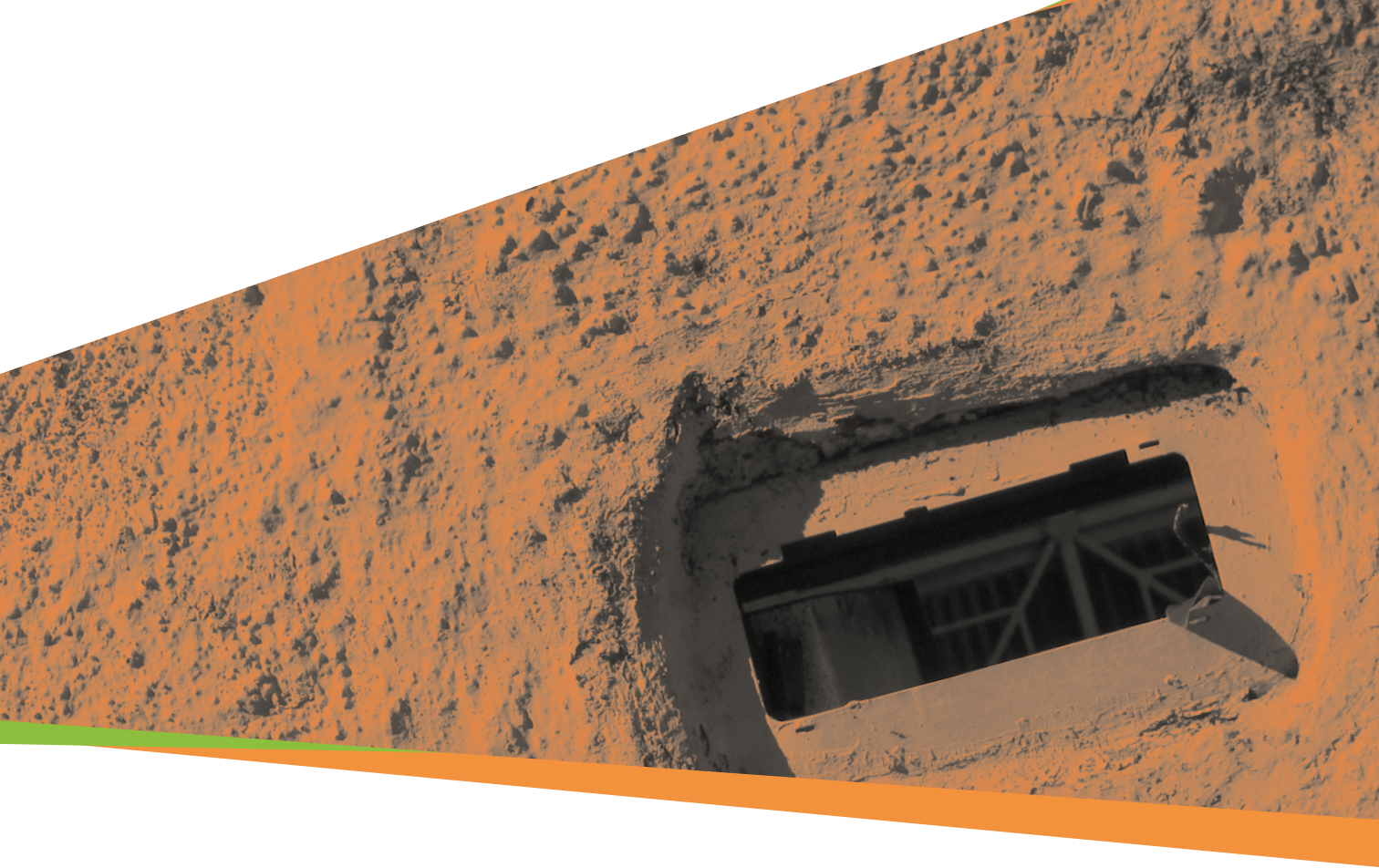
repugnantemente pobre e coxo, dormindo. Meu trabalho é entregar

as pessoas às suas próprias vidas, consertar desvios. Lindas conchitas

às vidas de conchitas lindas.

Camacho ressona. Conchita quer uma recordação, e surrupia sua gaita. Eu e ela então entramos no carro e partimos. “Me leve daqui”, disse-me docemente e docemente ela dormia já na primeira curva. Quem dorme estará perdoado?

Camacho, a vida de Camacho, o nome de Camacho, a vida camacha, tudo isso vai se borrando na estrada.



Sidney Rocha. Escritor. Editor. Prêmio Jabuti de Literatura.

Autor dos romances *Sofia* (2014) e *Fernanflor* (2015), além da trilogia de contos *Matruiska* (2009), *O destino das metáforas* (2011) e *Guerra de ninguém* (2015), todos publicados pela Iluminuras. Em 2018, a Iluminuras publica seu novo romance *A estética da indiferença*. Há seis anos, percorre o Brasil com seu curso de escrita criativa.

Daniel Galera

ODOR HIN GRUN

O parque está cheio de poças d'água depois de uma madrugada de chuva torrencial. O sol entre nuvens arranca da terra úmida um mormaço com cheiro de fruta fermentada. O cão esfrega o focinho nos tufos de grama que escondem restos de comida deixados pelos humanos na véspera. Corredores de tênis fosforescentes cruzam caminho com moradores de rua sonolentos. A cada dois ou três minutos ele retira o celular do bolso, mas as redes sociais ainda exibem postagens do fim de semana, como se as pessoas ainda não tivessem o que compartilhar naquela manhã de segunda-feira. Tenta fotografar o cão para colocar no Instagram, mas a foto não fica boa.

Um movimento estranho ocorre quase fora de seu campo de visão. Ele se vira para olhar e vê apenas o parque vazio e as poças d'água inertes refletindo o céu prateado como espelhos. Mas o cão também percebeu e olha fixamente na mesma direção, um pouco agachado e de orelhas erguidas. E então acontece de novo. Dezenas de borboletas marrons e prateadas levantam voo ao mesmo tempo de uma das poças, flutuam por alguns segundos como um turbilhão de folhas levadas por um vento inexistente e pousam

CONTO CONTO CONTO

CONTO

noutra poça mais adiante, voltando a ficar praticamente invisíveis. O cão arremete contra elas, espalhando asas e água barrenta. Ele corre até o animal e o prende na guia, decretando o fim do passeio.

Antes de partir, percebe que restou uma borboleta na poça. Não se parece com nenhuma outra que tenha visto. Está mais para uma mariposa ou bruxa. Seu corpo tem algo de aracnídeo e muscular. As patas marrons possuem filamentos de um laranja fosforescente e as antenas parecem peludas e se enrolam em espirais perfeitas. Súbito o inseto decola em alta velocidade. A superfície da poça não se agita. Ele olha em volta e pensa que a borboleta sumiu, mas ela pousa em seu antebraço direito. Sacode o braço, apavorado, e a borboleta ainda fica agarrada à pele por alguns segundos antes de alçar voo e pousar numa poça a metros dali. Sente que foi mordido ou picado. Há uma estria vermelha no local.

Em casa, ele serve ração ao cão, beija a mulher, que está sentada à mesa tomando café e lendo um romance no celular, observa o nenê que dorme no carrinho de chupeta na boca e somente então vai ao banheiro lavar bem o braço com água e sabão. Enquanto come o seu ovo cozido mole, sente que os nervos latejam. É como se fossem fios de arame sendo aquecidos lentamente por uma chama. A estria no braço desaparece, mas a sensação de estar intoxicado aumenta. Às onze da manhã, está revisando um orçamento para o design de um livro de arte

no cantinho da sala que chama de escritório quando leva um choque elétrico no teclado do notebook, com um estalo audível.

Se tranca no banheiro. Seu rosto está normal, o xixi tem cheiro normal, mas os nervos ardem. Ao pegar o celular no bolso, almejando pesquisar sobre mariposas venenosas, leva outro choque elétrico do aparelho, este ainda mais violento. Seu corpo estremece e ele cai no chão.

A mulher vem perguntar se está tudo bem, com o nenê chorando no colo. Ele compartilha, por fim, o episódio da picada da borboleta e os sintomas que surgiram. Toma forma no rosto da mulher uma expressão desagradável, como se ela pensasse que ele está zombando dela. Quando sugere que ele toque novamente no celular para ver se o choque se repetirá, ele começa a chorar. Agora ela se convence de que ele está sofrendo de verdade e insiste para que se dirijam à emergência de um hospital. Ela chama um carro pelo aplicativo e quer acompanhá-lo, mas ele faz questão de ir sozinho. Após se despedir dele na porta com um beijo na boca, a mulher recua e espreme os beijos, perplexa, como se houvesse provado um sabor exótico em sua saliva.

Na triagem do hospital, ele hesita em descrever o animal que o picou. Mente que foi uma vespa. À jovem médica plantonista do setor de toxicologia, porém, confessa que foi uma borboleta marrom corpulenta, talvez uma mariposa. Ela examina o braço, pede que repita cada um dos sintomas, interroga-o a respeito de alergias, medicamentos, doenças anteriores. Ele não ousa descrever o que já sente a essa altura. Que os cabelos estão crescendo na cabeça, que seu esqueleto é de acrílico, que seu pescoço está quente e quebradiço.

Franzindo o cenho, a médica pede que ele descreva em todos os detalhes possíveis o inseto. Como expressar o que lembra? Suas asas marrons eram cobertas, na verdade, de pequeninos flocos laminados que pareciam mimetizar os tons do solo. A penugem de seu abdômen cheirava a plástico. Não consegue articular nada disso em palavras, e então a médica tira o celular do bolso do jaleco e pede que ele encoste. Ele entra em pânico mudo, cerra os olhos, e na escuridão da mente escuta o ruído que a borboleta produzia, não era um zumbido, mas um *grunhido*, que parecia sinalizar que para aquela peçonha não havia cura, que cedo ou tarde dela morreríamos ou a ela nos habituaríamos, um ou outro, ou talvez ambos.



Daniel Galera nasceu em 1979 e vive em Porto Alegre (RS). Na virada do milênio, participou do cultuado *mail-zine* Cardosonline e da editora Livros do Mal, pela qual publicou os primeiros livros. É autor de cinco romances, entre eles *Barba Ensopada de Sangue* e *Meia-noite e vinte*, traduzidos para vários idiomas. Em parceria com o artista Rafael Coutinho, roteirizou a HQ *Cachalote*. Traduziu para o português autores como John Cheever, Zadie Smith e David Foster Wallace.

CONTO CONTO

CONTO CONTO CONTO

O mundo lá fora não passa de um pátio desértico, você entendeu?

Foi isso que eu ouvi quando entrei naquele espaço cheio de ruídos me sentindo um elemento perturbador. *Ninguém percebeu o risco que corríamos.*

Difícil entender. Ela não conseguia nem contar. Mexia a boca e apontava o dedo em direção à estante. Logo entendi: seja lá o que for é preciso ir ver, não virá até mim. As coisas paradas criam seus próprios movimentos. Estava tudo misturado, em estado de expectativa.

Amarfanhadas. Paradas. As saliências esbranquiçadas escondiam algum ritmo no compasso das lombadas. Bulbos inconstantes despejando repertórios de existência.

Na biblioteca de tomos mortos, a vida ressurgia. Alguns títulos se entregavam sem medo de serem completamente devorados, outros insistiam na dureza e na resistência. Ela quis justificar a umidade. Foi procurar, incrédula, uma explicação para a muda vastidão das coisas que flutuam no espaço. As constelações crostosas chegaram como o destino, sem causa, sem razão, sem respeito, sem pretexto. Palpitavam um mar cinzento, insinuavam-se sensuais emitindo um chamado de consentimento.

Permitimos.



Ajudamos.

Regamos os livros.

Alisamos as pequenas ilhas de pelos espongíoides, encontramos resquícios da evolução das plantas desde a era geológica. *Uma capa de livro corroída é uma melodia para as mãos*, ela insistia cada vez mais apegada.

Descobrimos tudo sobre as estruturas rizomórficas, sobre como elas penetram nos estratos. Consultamos enciclopédias e manuais. Ela falou de microtalos sem folhas em formato alongado, fez analogias com outros tipos de comunidades rugosas onde vivem indivíduos de reinos distintos. O que acontecia de fato era a simbiose de um fungo e de uma alga se espalhando fortemente aderida às escrituras.

— Líquens?

— Sim, também você, eu e ele.

Então ela comentou sobre os cantos arredondados. Não há formas retangulares nos líquens, e isso pareceu uma interessante notícia. As minicomunidades aderiram ao imperativo esférico. Em sua obstinação concêntrica se comportavam como leitores de Sloterdijk, cheios de intimidade ou paixão pela redondez.

Eu me interessei pela associação mutualística. Evolução a-paralela de dois seres que não têm absolutamente nada a ver um com o outro.

Depois das núpcias, algas e fungos não se separam, pois dependem integralmente uns dos outros. Um processo metabólico cheio de amor.

Ela nunca acreditou nessas bobagens, gostava dos líquens como nunca gostou de mim, pois admirava seu pioneirismo e a sua vocação para o nomadismo. Não podem voar, mas são permanentemente empurrados pelas enxurradas ou ventanias. Vagam indefinidamente até encontrar condições adequadas a ação. Precisam sobreviver ali onde caem. Têm a capacidade de ocupar ambientes inóspitos, o poder de colonizar substratos áridos transformando-os em solo e abrindo caminho para as outras plantas.

Não podemos matar aqueles que nos confundem, foi isso o que ela disse enquanto admirávamos a biblioteca transformada em enfermaria. Expulsos das florestas, fora da zona de conforto, maltratados pela contaminação, bastante sensíveis às condições ambientais; os líquens tinham encontrado novas possibilidades de aliança nas páginas imperfeitas. Estavam sempre no meio, entre as grandes obras de filosofia e os contos pueris. Sem passado nem futuro, em seus pormenores impossíveis, eram apenas geografia. A incubadora de culturas primevas acontecia como um grito em torno do qual os conceitos desenvolviam verdadeiros cantos.

Concluímos que se o líquen se desenvolve nos ângulos dos livros é porque eles ficaram muito preguiçosos. O livro saudável, aquele cuja casca pode renovar-se regularmente pelo uso, não

sofre com ideias amolecidas.
Se perde vigor está a oferecer
condições favoráveis à instalação
das comunidades desalojadas.

Depois de alguns meses, os
líquens começaram a revelar
mutações. Abandonaram o
pálido bege amarronzado e
o verde esbranquiçado para
cair em tinturas de um escuro
impositivo carregando em si
alguns contrários. As superfícies
inexauríveis das coisas
inicialmente mudas formavam
uma pintura abstrata, flutuante.
Um mundo sem palavras nem
endereço fixo tentava salvar as
palavras do seu fim.

Até hoje não sabemos se os
líquens escolhem os livros onde
se alojam ou são escolhidos por
eles. Interpretar aquelas bolas é
como crer ou ser piedoso. Não
somos crentes nem piedosos
com o encadeamento quebradiço
dos afetos ou com as projeções
liquescentes da árvore do delírio.

Olhar os líquens no espaço da
sala é como olhar as constelações
no céu. Cada um assimila do seu
jeito as manchas não detectadas
pelo radar da consciência.



Melanie Peter é escritora,
jornalista e performer. Publicou
seu primeiro livro, *Persona*, pela
Design Editora, em 2010. O segundo
livro, *Nunca é só uma palavra*
(inédito), resultou do projeto
“Narrativa Desterritorializada –
uma proposta de devir romance na
fronteira do gênero literário”,
contemplado pelo edital de Bolsas
de Fomento à Literatura do
Ministério da Cultura. Atualmente
desenvolve, com recursos do edital
Elisabete Anderle de Estímulo à
Cultura, o projeto “Habitar os Ecos
– Residência na Casa do Sol”.
Os experimentos em torno da vida,
da obra e dos ecos de Hilda Hilst
estão sendo publicados no
www.habitandoecos.wordpress.com



TIRINHACHARGE**TIRINHA**CHARGE

TIRINHA
CHAVEE



Thais Linhares, carioca, nascida em 1970. Formada pelo Senai e Escola Nacional de Belas Artes (UFRJ). Com especializações em Educação, Justiça de Transição (UNB), e outras em Direitos Humanos. Mestranda com projetos em quadrinhos na ECO (UFRJ). Iniciou carreira em Publicidade. É roteirista de TV, poeta e escritora. Atua no coletivo da revista *Vírus* e no coletivo feminista da revista *As Periquitas*. Completa suas horas como comunicadora do Instituto de Defensores de Direitos Humanos (DDH). Prêmios como ilustradora da obra *Iluminuras*: Melhor Produção para Jovens e Altamente Recomendável 2015, ambos da FNLIJ, Jabuti e Seleção do White Raven's (Biblioteca de Munique). Edita o zine *Grimoire* de quadrinhos e poesia.

Saiba mais em

<http://thaislinhares.blogspot.com>

Seus quadrinhos estão em

<http://zinegrimoire.blogspot.com>

RINHA CHARGE TIRINHA ECHARGE

Uma Poderosa Falcão INVADIU

Rio de Janeiro



thaislinhazes.blogspot.com



Cada LETRA Um TIRO, POESIA GRANADA!



João Lin é artista visual com atuação na produção de quadrinhos, gravura, desenho, ilustração, intervenção urbana. No universo da palavra, flerta com a poesia na produção de haicais e roteiros para quadrinhos e animação. Aventura-se no universo da música experimental no projeto Inconsistência, Acaso e Erro e desenvolve, como tatuador, projetos de tatuagem autoral. Recebeu vários prêmios em salões nacionais e internacionais de humor e quadrinhos, e edita a revista de quadrinhos independentes *Ragu*. Ilustra para a literatura infantojuvenil, com mais de trinta livros publicados por editoras como Melhoramentos, SM, Scipione, Dimensão, Planeta, Larousse, entre outras. Foi coordenador assistente da Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife e curador do Festival Internacional de Humor de Pernambuco (FIHQ_PE) nas edições de 2006 e 2007.

QUANTAS ALMAS

Não sei
quantas almas
tenho.

Cada
momento
mudei.



Conti-
nuamente
me estranho.
me
estranho



Atento ao
que sou e
vejo.

Torno-me
eles, e não eu.



Cada meu
sonho
ou desejo

É do
que
nasce e
não
meu.



Sou minha
própria
paisagem,

Assisto
à minha
passagem.



Só
Diverso,
móbil e só,
e só
Não sei sen-
tir-me onde
estou.

Não sei
quantas almas
quantas
quantas
almas
tenho



HQ de João Lin
sobre fragmentos
do poema "Não
sei quantas
almas tenho" de
Fernando Pessoa

SIAPOESIA**POESIA**

POESIA

POESIA VISTO

NICOLAS BEHR

Abílio

negro, mecânico, vizinho

sujo de graxa
sujo de vida
(pegava na vida sem luvas)

sujeira que gasolina não tira

Bicicleta nova

não há outro menino

o poema é este
a vida é assim mesmo
o sol brilha
um dia todos morreremos

a felicidade
é uma bicicleta nova
e um poema
que não precisa de explicação

Marina

só o amor
platônico
é eterno

Velha Cuiabá

aqui não morou
o poeta fulano de tal

casarão demolido
duas vezes
dentro de mim

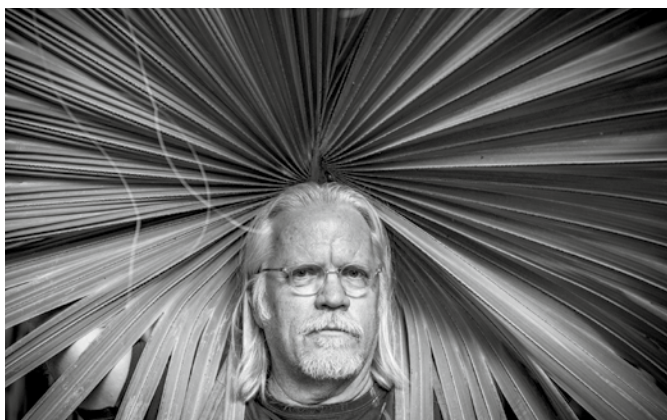
como não desmoronar?

Visita

a primeira visita
que recebi
no hospital
foi de dona maria de arruda müller

trouxe a poesia
que faltava neste poema

me disse logo de cara
nasceu acabou o sossego
e garantiu
existe vida após o nascimento



Nicolas Behr (Nikolaus von Behr) nasceu em Cuiabá, 1958. Desde 1974, mora em Brasília. Seu primeiro livrinho, mimeografado, é de 1977: o “best-seller” *Iogurte com farinha*, com 8.000 exemplares vendidos de mão em mão. Foi redator publicitário. Participou do movimento ecológico, tendo fundado várias ONGs ambientalistas no Distrito Federal nos anos 80. Seu livro *Laranja Seleta – poesia escolhida – 1977–2007* – lançado pela Língua Geral, foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, em 2008. Em 2015, o Instituto de Letras da Universidade de Brasília instituiu o Prêmio Nicolas Behr de Literatura. Sua obra tem sido objeto de dissertações de mestrado e documentários. Casado, três filhos, dedica-se profissionalmente a um viveiro de plantas. Adora Brasília. Contatos: paubrasilia@paubrasilia.com.br www.nicolasbehr.com.br

Paradoxo de Maximus

Quando imitava os grandes mestres
era quando ele

era mais
ele.

Agora que diz
ter encontrado sua voz

virou uma péssima
imitação de si mesmo.

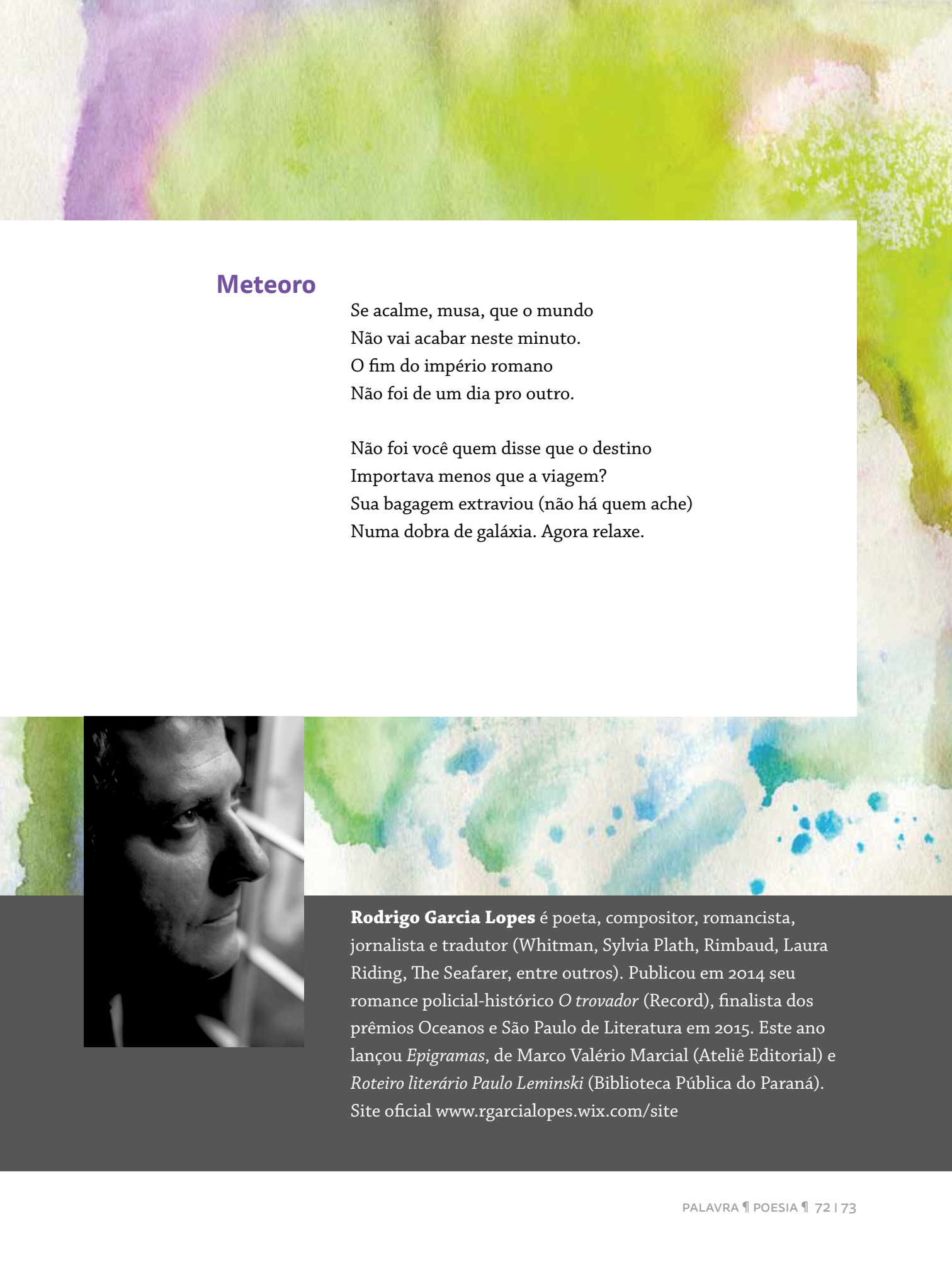
Adivinha

tão imenso
que se ficar calado
ainda o escuto

tão frágil
que se disser seu nome
irá quebrá-lo



RODRIGO
GARCIA LOPES



Meteoro

Se acalme, musa, que o mundo
Não vai acabar neste minuto.
O fim do império romano
Não foi de um dia pro outro.

Não foi você quem disse que o destino
Importava menos que a viagem?
Sua bagagem extraviou (não há quem ache)
Numa dobra de galáxia. Agora relaxe.



Rodrigo Garcia Lopes é poeta, compositor, romancista, jornalista e tradutor (Whitman, Sylvia Plath, Rimbaud, Laura Riding, The Seafarer, entre outros). Publicou em 2014 seu romance policial-histórico *O trovador* (Record), finalista dos prêmios Oceanos e São Paulo de Literatura em 2015. Este ano lançou *Epigramas*, de Marco Valério Marcial (Ateliê Editorial) e *Roteiro literário Paulo Leminski* (Biblioteca Pública do Paraná). Site oficial www.rgarcialopes.wix.com/site

POESIA POESIA POESIA



Fotografia de guerra

o menino de camisa vermelha e sapatinhos
marrom estirado na areia do mar gélido da
Turquia migrou para a palavra e se afogou no
meu poema

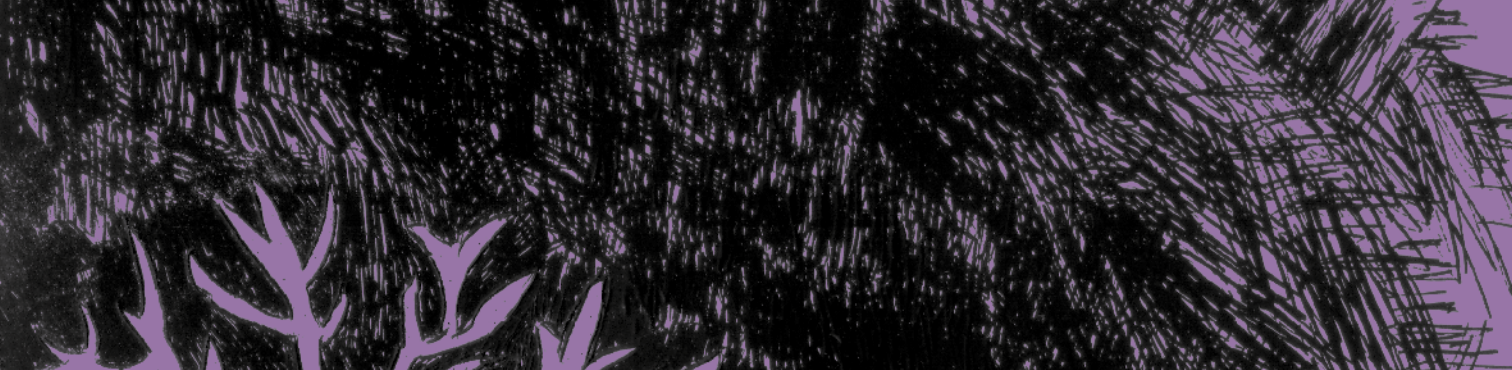
a menina de moletom rosa-choque desenhado
com delicadas e surradas borboletas tapando
os olhos da boneca esfarrapada impedindo
a visão do tapete de mortos no chão da Síria
impregnou de medo a palavra e se escondeu no
meu poema

as crianças sem cabelo de pupilas esbugalhadas
e nuas estendendo as mãos sem cor para os
visitantes da Somália me deram a mais difícil
aula de anatomia e ofertaram a palavra fome
para o meu poema

Ladainha

para alberto da
cunha melo que
sabia orar pelo
poema

para a alma do poeta que se foi
eu rogo ao poema que componha o silêncio
para a alma do sertanejo que se foi
eu rogo ao poema que se empalhe em chuva
para a alma da criança que se foi
eu rogo ao poema que confeite a vida
para a alma da negra que se foi
eu rogo ao poema que se emplume em pássaro
para a alma do pobre que se foi
eu rogo ao poema que petrifique o pão
para a alma revolucionária que se foi
eu rogo ao poema que ampute o sonho
para a alma do músico que se foi
eu rogo ao poema que dedilhe o chão
para a alma do filho que se foi
eu rogo ao poema que psicografe a falta
para a alma do palhaço que se foi
eu rogo ao poema que reinvente a cor
para alma da mulher que se foi
eu rogo ao poema que alcance as asas
para a alma do poema que se foi
eu rogo à poesia que borde os sentidos
para a alma do verso que se foi
eu rogo à palavra que se parta em várias
para a alma da palavra que se foi
eu rogo ao poeta que se ajoelhe e crie



Quando o
carro era
motel

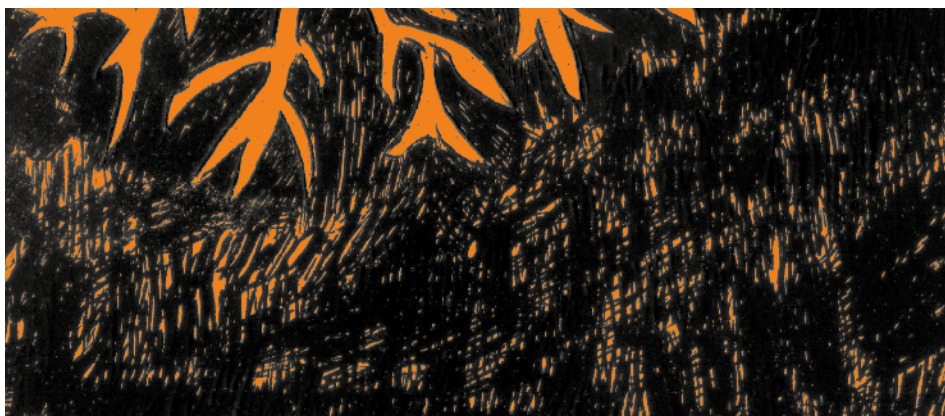
ou melô
das quatro
rodas

foi assim que os peitos rosados de carmem
foram beijados no drive-in do pina
encostada no banco acolchoado da variante verde
sob a confusão de botões abertos
cheiro de pipoca e guaraná fratelli vita

foi assim que claudia foi chupada
no banco do carona de um fusca 74
estacionado sob um pé de flamboyant
a quatro quadras de casa
e sob a vigilância distante do guarda noturno
que nesta noite esqueceu o apito no bolso

foi assim que perla pegou num pau pela primeira vez
enquanto era beijada sofregamente
e usufruía as delícias
da boleia do caminhão mercedes benz
com emplacamento da cidade de manaus

foi assim que shirley guardou a virgindade para o marido
e ao som de renato e seus blue caps
deu a bunda no banco de passageiro do corcel branco
sem sequer usar manteiga ou vaselina
apenas cuspe e o desejo de viajar ao inferno





foi assim que jussara perdeu a virgindade
em um opala quatro portas
que arreava o banco
virava cama
e tinha quebra-vento na frente e atrás

foi assim
foi assim
foi mesmo assim

hoje
os carros quando param
transportam o medo
mulheres apressadas
filhos tiranos
homens sem desejo
e
enquanto isso
uma bomba de efeito retardado
espreita a cidade que não fode



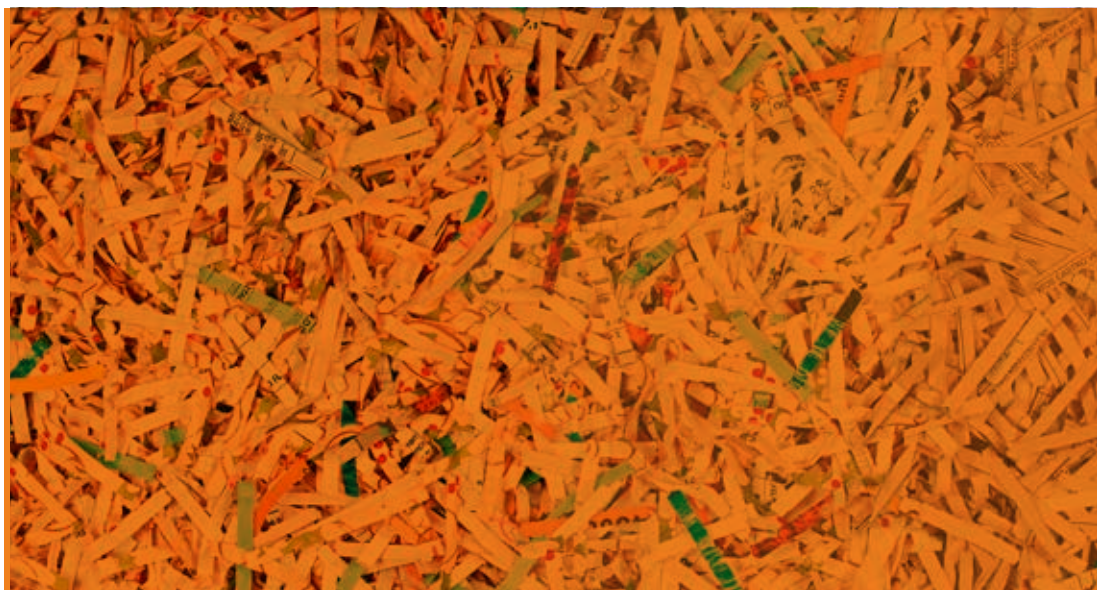
Cida Pedrosa é poeta,
contista e recitadora. Na
década de 1980, fez parte da
coordenação do Movimento
de Escritores Independentes
de Pernambuco, que agregou
a cena cultural alternativa da
época. Publicou *As filhas de
Lilith* (2009), *Miúdos* (2011),
Claranã (2015), entre outros.

MARIANA IANELLI

*A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver*
ALBERTO CAEIRO

Canções meninas

Vem! Amanhã começa o mundo...
A primeira luz. O primeiro alento.
O primeiro rosto. O que os outros
Vão dizer? As mil palavras de sempre
Também talvez algumas novas
Mas as palavras, meu amor, as palavras
Ainda nem se formaram: só amanhã
Começa o mundo. A primeira pele.
A primeira lua. O primeiro susto.
O homem que disse, uma vez, sabia:
Nascer é mesmo muito comprido.
Nascer, meu amor, não termina nunca.





Hoje eu vou me encher de infância
Uma criança vem viver comigo: é outono
A praça é um passeio nosso rajado de ouro
Uma volta em círculo e a luz já é outra
Goiabas gordas explodem no chão
As aranhas estão por toda a parte
Sobre as nossas cabeças e nada disso é sonho.



Uma inocência veio viver comigo e não é minha,
Rainha dos cataventos vivos antes da chuva
Amiga dos brotos de hibisco, amiga das pedras
Amiga dos gatos pretos que vivem nos muros,
Esse olá para tudo veio viver comigo e não é meu,
Esse dedo apontado para a lua, esse dedo apontado
Para tudo que é da messe do amor. Eu cuido.

Mariana Ianelli é poeta, cronista e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP. É autora de oito livros de poesia, entre eles, *Trajetória de antes* (1999), *Fazer silêncio* (2005) e *Tempo de voltar* (2016). Foi quatro vezes finalista do Prêmio Jabuti em poesia.



Poemas para pendurar as chaves

I.
dentro do maracujá
morumampulheta
ou morará

II.
nada é tão ruim
perto de um bebê
cebola e 1 baby
amendoI'm

III.
e então um ano depois
começaram a namorar
a jiboia e o mar

Palavras salpicadas de d para montar poemas

I.
diamante
dinamite

II.
macarão
di camarão

III.
gancho de rede
rancho de gente

IV.
amêndoa
d'anêmona

V.
escorredor
descuridão

BRUNA BEBER

Montagens meteorológicas para encaixar a língua

normaço
lublado

glarão
loturno

leblina
lévoa

dinúvio
legrume

néu
luvem

bruna
leve

Bruna Beber nasceu em 1984, em Duque de Caxias (RJ), e vive em São Paulo. É poeta, tradutora e mestranda em Teoria e História Literária pela Unicamp. Estreou na poesia com *A fila sem fim dos demônios descontentes* (7Letras, 2006), e publicou também *Balés* (Língua Geral, 2009), *Rapapés & apupos* (7Letras, 2012), *Rua da Padaria* (Record, 2013) e *Ladainha* (Record, 2017). Site da autora: <http://brunabeber.com.br/>



RESENHA

RESENHA

SÉRGIO TAVARES



As oito narrativas que compõem *O abridor de letras*, de João Meirelles Filho, têm como cenário a Amazônia. O autor, que atua como ativista ambiental, converte a assimilação do vivido numa prosa carregada de um realismo naturalista que, por ser tão plástico em seus aspectos regionais, alcança uma atmosfera mágica.

É um processo de criação que advém do olhar, mas que precisa da oralidade emprestada das vozes dos habitantes locais. Uma linguagem arcaica, avultada de dialetismos, que, embora caudalosa, toma o curso de uma leitura leve, por conta das frases bem ordenadas e instintivamente sonoras. Desse modo, o livro, que venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria Contos, consegue capturar os costumes do Norte do Brasil, ao mesmo tempo que explora um sentido supranatural, através da fonte inesgotável de mitos e símbolos que há no homem arraigado à terra.

Meirelles descreve com paixão e conhecimento a natureza, a fim de carimbar a importância da preservação ecológica, reforçando que literatura é também conscientização.

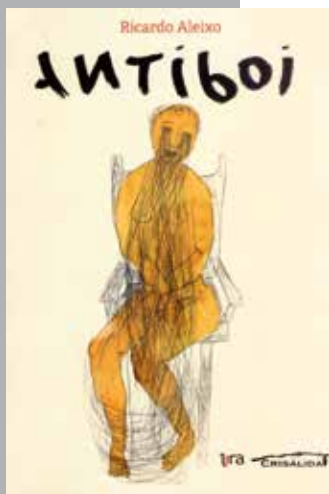


O narrador de *Última hora*, de José Almeida Júnior, é Marcos, um jornalista ligado ao Partido Comunista. Passam os anos 1950, e seu alvo de ataque é o governo de Getúlio Vargas, cuja ditadura, instituída duas décadas atrás, deixou-lhe feridas físicas e psicológicas.

Num encontro com o jornalista Samuel Wainer, Marcos é convidado a integrar a equipe do *Última Hora*, jornal criado para defender o presidente. A princípio recusa, porém, com a mulher e o filho em vias de passar fome, se rende à proposta.

A partir daí, o livro se divide em dois núcleos: a redação e a casa. O primeiro concentra os bastidores da criação do jornal, o jogo político, o exercício da profissão. No âmbito doméstico, o jornalista tem de conviver com as cobranças da esposa e as provocações do filho.

Outros personagens reais, a exemplo do cronista Nelson Rodrigues e do político Carlos Lacerda, atuam ativamente na trama. O triunfo de Almeida Júnior, que conquistou o Prêmio Sesc de Literatura 2017 na categoria Romance, está em manipular o real a serviço da imaginação sem que este perca seu caráter de verdade.



Há uma inquietação que eletrifica a forma e o conteúdo de *Antiboi*, antologia poética de Ricardo Aleixo. Trabalhando com versos livres, marcados pelo experimentalismo, o escritor mineiro coloca em cena questões existenciais, sociais e políticas através de uma estética de deslocamentos.

Os poemas, escritos entre 2013 e 2017, variam do apuro minimalista ao esgarçamento do léxico, conduzidos pela força de uma oralidade que se empenha em fazer da poética um conduto para a *performance*. O poeta é um cidadão que se constrói de significações e de experiências, e torna a sociedade sua memória, seu alvo.

Sendo assim, Aleixo transporta reflexões sobre racismo, injustiça social e violência para seus versos, ao mesmo tempo que neles catalisa sua própria noção de mundo. Tal escrita amalgamada, subversiva, define um autor de voz única, que milita por uma arte que contenha, em sua prática transmissível, o signo da resistência.

Como bem diz o poema-título, na vida “nada é caprichoso/nada é garantido”.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Ricardo. *Antiboi*. Belo Horizonte: Crisálida/Lira, 2017. 64 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, José. Última hora. Rio de Janeiro: Record, 2017. 352 p.
- MEIRELLES, João. *O abridor de letras*. Rio de Janeiro: Record, 2017. 144 p.



Sérgio Tavares nasceu em 1978. É crítico literário e escritor, autor de *Queda da própria altura*, finalista do 2º Prêmio Brasília de Literatura, e *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. Edita o site de crítica literária *A nova crítica*: www.anovacritica.wordpress.com



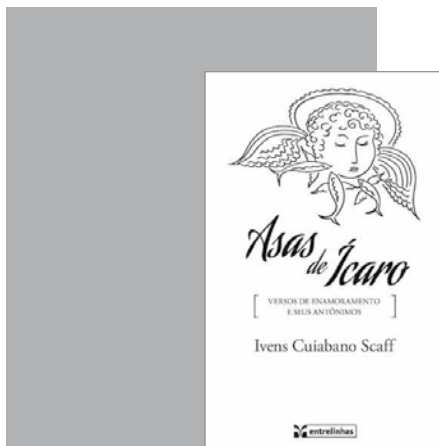
Escrito com uma sensibilidade difícil de ser encontrada, *Dupla exposição* reúne contos de Paloma Vidal ilustrados por fotografias de Elisa Pessoa. A prosa de Paloma é rica em detalhes sentimentais e mergulha o leitor direto para o íntimo dos personagens, misturando a dose certa de ação e reflexão.

Explorando a melancolia alheia com a distância necessária, *Dupla exposição* tem em “Venice” seu melhor trecho. Se pudesse ser definido em uma expressão, “Submersão de vestígios” provavelmente seria a escolha correta. Nas quase 100 páginas, Vidal e Pessoa criam um poderoso jogo semiótico. Do projeto gráfico ao conteúdo, tudo contribui para que aconteça uma experiência sensorial em que o objeto livro vira obra de arte, possibilitando múltiplas interpretações. As fotografias de Elisa Pessoa, trabalhadas em um estilo meio gótico, meio *vintage*, brincam de forma abstrata com as palavras de Paloma Vidal, entregando ao leitor, por fim, um livro necessário, raro, arriscado e, sobretudo, bonito.



Escrito pela piauiense Ananda Sampaio com ternura e reverência aos ídolos, *O vestido* é um livro cujos fragmentos não podem ser definidos. Ora se assemelham a contos, ora a crônicas. Ao leitor, seduzido por palavras bem cadenciadas e diálogos com Drummond, Caetano Veloso, Ana Martins Marques e, sobretudo, Clarice Lispector, resta a sensação de ter consumido uma autora que desponta num cenário cada vez mais árido.

E de antiaridez também fala esse *O vestido*. No torvelinho das observações cotidianas, o sonho vira deslocamento necessário para narrativas cujas tintas oníricas brindam o leitor com uma água fina sobre os títulos. Família, amigos, velhos professores. Ananda Sampaio costura pequenas fábulas que mostram o lado gostoso do Nordeste, aquele que escapa das tragédias e, incrivelmente, consegue abraçar a melancolia com alegria. Bonito livro que merece ser lido aos poucos – se não de tempo exterior, interior – para que ao fim se descubra a potência do desvio.



O amor, diz o eu-lírico de um dos poemas deste livro, tem asas de Ícaro. O verso que dá nome ao título, coincidentemente ou não, produz uma relação ainda mais intrínseca com o próprio livro em si. O poeta Ivens Scaff, ao produzir um volume de poesias cujo tema é o amor, se arrisca em um oceano de lugares-comuns que podem facilmente deixar cansado o leitor mais experiente e treinado.

No meio das rimas, algumas muito bem urdidas, versos ora tristes, ora felizes brincam com um todo agri-doce para falar de separação, paixões à primeira vista e aquilo que poderia ter sido. Quando abraça o cinismo e deixa o fascínio de lado, Scaff é especialmente feliz. Eis, portanto, um livro que não serve a todo mundo. É preciso ter um estado de espírito que case com o que é proposto. Próximo do sol, mas não a ponto de derreter e naufragar, Ivens Scaff consegue, por fim, ser bem-sucedido em sua empreitada e legar aos amantes, sozinhos ou não, um pingo de conforto.

REFERÊNCIAS

SAMPAIO, Ananda. *O vestido*.

Teresina: Oficina da Palavra, 2017. 140 p.

SCAFF, Ivens Cuiabano. *Asas de Ícaro: versos de enamoramento e seus antônimos*. Cuiabá:

Entrelinhas, 2016. 125 p.

VIDAL, Paloma; PESSOA, Elisa.

Dupla exposição. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 104 p.



Mateus Baldi nasceu em 1994. Fundador da plataforma literária Resenha de bolso, foi editor de cultura da revista *Poleiro* e colaborador de literatura do site da *piauí*. Colabora com o Estadão e escreve roteiros para cinema.

TO DEPOIMENTO **DEPOIMENTO**

O
T
N
O
E
O
E
O

OPEN
TO
NEW
OPPORTUNITIES

O MENINO DEVORADOR DE HISTÓRIAS

Costumo denominar minha história como um conto de encantamento.

Pode ter sido em um livro sobre um pequeno príncipe africano, ou uma história de resistência contada nos quilombos brasileiros.

Por que não em uma roda de causos cantada por um cantador de histórias ao redor de uma fogueira no sertão nordestino.

Uma história, para que serve uma história?

Para encantar?

Para ensinar?

Para aprender?

Para transformar?

Pode uma história transformar uma vida?

Uma vez perguntei para um menino de uma favela carioca para que serve uma história, e ele me disse:

— Ora, serve para ler!

E eu perguntei de volta:

— E para que serve ler?

Ele ficou pensativo, pensou, pensou e disse:

— Serve para crescer.

Otávio Cesar Jr.

— E como você cresce lendo uma história?

— Devorando as letras.

Devorando as letras. Essa frase ficou na minha cabeça por horas e horas.

Voltei no tempo e lembrei que quando menino devorava muitas “letras”, e depois senti a necessidade de compartilhar essas muitas letras e histórias com outras pessoas. O livro mudou a minha vida de forma arrebatadora; essas muitas letras que eu devorava só aumentavam os meus sonhos.

O sonho de construir uma biblioteca em uma das maiores favelas do Rio de Janeiro.

O sonho de espalhar livros por ladeiras, becos, vielas, praças, escadarias.

O sonho de escrever histórias para um povo que tem muita história para contar.

O sonho de continuar devorando palavras e alimentando outros meninos e meninas, fazendo-os crescer mais e mais...



Otávio Cesar Jr.

é escritor e promotor de leitura. É o criador do projeto “Ler é 10 – Leia favela”, que promove a leitura nos complexos da Penha e do Alemão. É autor de *O livreiro do Alemão* (2011).

PALAVRAS MÁGICAS

Quem é esse grande mistério que chamamos de leitor?

Quem é cada um de nós, senão um leitor de tudo o que existe e se possa imaginar?

A literatura é feita de palavras que querem morar dentro da gente, disse João Guimarães Rosa, e essas palavras desejosas de morar dentro da gente não são quaisquer palavras. São mágicas. Subvertem, provocam e desestabilizam, pois são veredas do não-dito, entremeiam segredos e revelações, trazem diferentes modos de pensar, sonhar, sentir e imaginar.

A literatura abre um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o que ainda está por se conhecer. Reconhece a flexibilidade do pensamento, acolhe as experiências do leitor, instiga a busca e a descoberta de significados, participa da construção de desafios, suscita o exercício de um pensamento crítico e inventivo. Um olhar arguto e irrequieto.

Como se quisesse reinventar a vida, é uma forma de conhecimento existencial por meio da poesia e da narrativa, uma reviravolta, uma transfiguração em metáforas, elipses, ironias, paradoxos, imagens, delicadezas, sutilezas, ambiguidades, silêncios, entrelinhas, mistérios.

Um recolhimento, um distanciamento, um pôr-se à margem para que haja observação, consciência, viagem, indagação, quimera e sentido.

Quando lemos literatura, fazemos perguntas a nós mesmos, ao livro, à linguagem, à cultura, à comédia da vida, à tragédia da vida, a tudo e a todos.

Stella Maris Rezende

Até pouco tempo, o modelo educacional mantinha a presença da literatura de forma fragmentada, quase sempre aliada à cobrança de conteúdos gramaticais, mas a literatura não é o politicamente correto, não é o estereótipo, o superficial, o modelo, o ensinamento, a aula de sintaxe ou a imposição de alguma coisa.

Essencialmente, é liberdade, mistério, sonho, delírio, encantamento, dúvida, imaginação.

É estranhamento.

Um permanente diálogo com a complexidade da alma humana. Uma séria brincadeira com as palavras e as entrelinhas.

São muito importantes os momentos de leitura coletiva e compartilhada, porque estimulam relatos pessoais, laços afetivos, debates e troca de ideias, mas é a leitura individual e silenciosa, portanto mais atenta, que nos torna de fato leitores da vida e dos livros que nos fazem livres.

Cada um de nós tem todo o direito de se angustiar, rir, chorar, discordar, se identificar ou não com uma personagem, abrir a cabeça e o coração para essas palavras que querem morar dentro da gente.

Quem lê não sofre de solidão.

Quem lê aproveita o lado bom da solidão.



Stella Maris Rezende

é escritora premiada: quatro Jabutis, três Prêmios João-de-Barro, APCA, Barco a Vapor, Bienal Nestlé, Prêmio Brasília e dezenas de Altamente Recomendáveis pela FNLIJ. Em 2012, o romance *A mocinha do Mercado Central* recebeu o Jabuti de Melhor Livro Juvenil e o Jabuti de O Livro de Ficção do Ano. Mais informações, consulte o site: www.stellamarisrezende.com.br

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Para sugestão ou recebimento de exemplares, entre em contato conosco pelo seguinte endereço eletrônico: seccci@sesc.com.br

Escreva-nos! Sua opinião é muito importante para o aprimoramento da revista!

crédito das fotos

- © Guarim de Lorena, foto da capa, páginas 1, 9, 10 e 13
- © Thiago Facina, página 19
- © Nicolas Soares, página 27
- © Bianca de Sá, página 29
- © Joaquim de Carvalho, página 39
- © Ivo Gonzales, página 41
- © Olivia D'Agnolluzzo, página 43
- © Rafael Roncato, página 49
- © João Miguel Pinheiro, página 53
- © Luiz Maximiano, página 57
- © Fernanda Lange, página 61
- © Thais Linhares, página 64
- © Iezu Kaeru, página 66
- © Bento Viana, página 71
- © Elisabete Ghisleni, página 73
- © Ana Siqueira, página 77
- © Ramon Blanco, página 79
- © Rafael Roncato, página 81
- © Mateus Tavares, página 85
- © Keyla Santos, página 87
- © Adriana Machado, página 93



Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional

Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

Carlos Artexes Simões

Diretoria de Cultura

Marcos Henrique Rego

CONTEÚDO

Gerência de Cultura

Márcia Costa Rodrigues

Equipe de Literatura

Frederico Girauta

Henrique Rodrigues

Assistente de Conteúdo

Anderson Bento Vilela

Analista de Comunicação e Cultura

Juliana Alberico Gutierre

PRODUÇÃO EDITORIAL

Diretoria de Comunicação

Pedro Hammerschmidt Capeto

Supervisão Editorial

Jane Muniz

Reportagem

Mariana Filgueiras

Revisão/Cotejo

Gustavo Barbosa

CONCEITO COMUNICAÇÃO INTEGRADA

Projeto Gráfico e Diagramação

Christiane Mello e Fernanda Morais

ESTÚDIO VERSALETE

Direção de arte

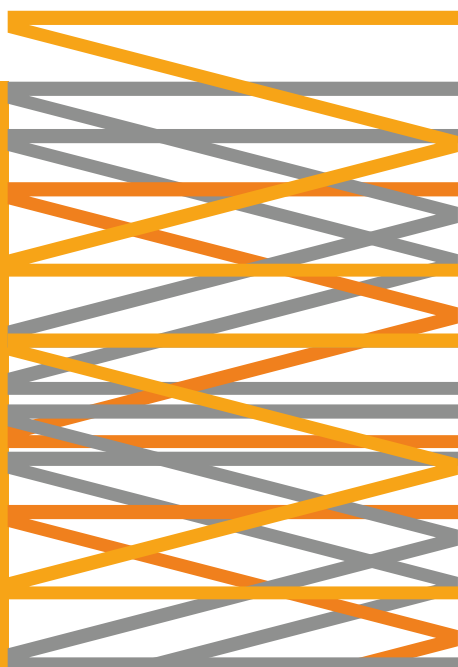
Ruth Lima

Estagiária de Produção Editorial

Juliana Marques

Arte-finalização e Produção Gráfica

Celso Mendonça



©Sesc Departamento Nacional, 2018

Av. Ayrton Senna, 5.555 Jacarepaguá

Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22775-004

TELEFONE: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

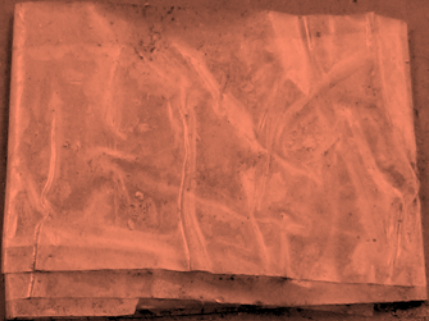
TIRAGEM: 25.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ISSN 2178-1443

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei nº 9.610 de 19/02/1998.





PALMARA



www.sesc.com.br

